

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ESCOLA NORMAL SUPERIOR

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

WILCILENE DA SILVA CORRÊA COELHO

MANAUS

2021

WILCILENE DA SILVA CORRÊA COELHO

**ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado do
Amazonas para a obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vilma Terezinha
de Araújo Lima

MANAUS - AM

2021

WILCILENE DA SILVA CORRÊA COELHO

**ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof.^a Dr.^a Vilma Terezinha de Araújo Lima

1º avaliador: Prof.^a Dr.^a Marcela Vieira Pereira Mafra

2º avaliador: Prof.^a Dr.^a Carolina Brandão Gonçalves

Manaus, 28 de julho de 2021.

**Gratidão pelas vidas e famílias preservadas em meio à pandemia de Covid-19 e
Solidariedade a todas as vidas que se foram!**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo!

À minha família (em especial, minha mãe Maria Lúcia), pelo incentivo eterno em avançar nos estudos!

A meu esposo Ney Moreira, pela parceria e compreensão, sempre me apoiando nos meus sonhos e necessidades.

À minha orientadora, prof.^a Dr.^a Vilma Terezinha, pelo apoio e pelas conversas em meio à pandemia que me trouxeram estímulo para concluir esse trabalho e melhorá-lo ao longo da caminhada.

Ao Colégio Adventista Paul Bernard, onde exerço o magistério há 17 anos: minha segunda e mais significativa experiência nesta profissão, lugar onde aprendi e reaprendo a ser professora todos os dias, meu laboratório e alicerce.

"O objetivo da crise permanente é não ser resolvida. Mas qual é o objetivo deste objetivo? Basicamente, são dois: legitimar a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. Assim temos vivido nos últimos quarenta anos. Por isso, a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita"

Boaventura Sousa Santos, 2020.

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa que teve como objetivo geral Relatar os desafios e possibilidades para o ensino de geografia nas modalidades remota e híbrida nos níveis fundamental e médio de uma unidade privada em Manaus, no contexto da pandemia do Coronavírus em 2020. De maneira específica buscou-se: 1) Contextualizar a nova realidade educacional a partir da pandemia do Coronavírus em relação ao uso de tecnologias; 2) Apontar os benefícios e as principais dificuldades citadas pelos alunos para acompanhar as modalidade de ensino remoto e híbrido; 3) Descrever as tentativas e possibilidades para o ensino de geografia no sistema privado no contexto da pandemia, nas modalidades e ensino remoto e híbrido. Por meio de questionário de autoavaliação, 290 (51,33%) dos 565 alunos dos níveis fundamental e médio participaram com suas experiências em relação às modalidades de ensino emergencial quanto aos itens Roteiro de estudos, Envio de atividades, Uso de tecnologia, Contato com os professores e Aprendizagem. A partir da tabulação dos dados e construção de gráficos, encontrou-se um perfil de alunos que, em geral, se definiram como: interessados pelos roteiros de estudo e pelas aulas, capazes de utilizar o portal educacional (Ambiente Virtual de Aprendizagem) como principal fonte de devolução e registro de atividades e dotados de acesso a um equipamento tecnológico (com média acima de 80%) e internet para acompanhar suas aulas e atividades diariamente. Quanto à sua Aprendizagem, 54,90% dos alunos do ensino fundamental e 48,33% dos alunos do ensino médio julgaram ter aprendido novos conceitos, mesmo estudando em casa. Apresentou-se ainda a importante associação entre o ensino de geografia e o uso de tecnologias, através da aplicação de metodologias ativas de aprendizagem tais como a produção de ilustrações, blogs, projetos, uso de aplicativos e jogos que contribuíram para a construção de uma educação geográfica em meio a um contexto pandêmico e emergencial.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Tecnologia. Experiência dos alunos. Ensinos remoto e híbrido. Metodologias Ativas.

ABSTRACT

This paper presents the results of a qualitative-quantitative research that aimed to report the challenges and possibilities for the teaching of geography in remote and hybrid modalities at elementary and high school levels of a private unit in Manaus, in the context of the pandemic of the Coronavirus in 2020. In a specific way, we sought to: 1) Contextualize the new educational reality from the Coronavirus pandemic in relation to the use of technologies; 2) Point out the benefits and main difficulties mentioned by the students to follow the remote and hybrid teaching modality; 3) Describe the attempts and possibilities for teaching geography in the private system in the context of the pandemic, in remote and hybrid teaching modalities. Through a self-assessment questionnaire, 290 (51.33%) of the 565 elementary and high school students participated with their experiences in relation to the modalities of emergency education regarding the items Study guide, Sending activities, Use of technology, Contact with Teachers and Learning. From the tabulation of data and construction of graphs, a profile of students was found who, in general, defined themselves as: interested in study scripts and classes, able to use the educational portal (Virtual Learning Environment) as the main source of return and registration of activities and equipped with access to technological equipment (averaging over 80%) and internet to monitor their classes and activities on a daily basis. As for Learning, 54.90% of elementary school students and 48.33% of high school students thought they had learned new concepts, even studying at home. The important association between the teaching of geography and the use of technologies was also presented, through the application of active learning methodologies such as the production of illustrations, blogs, projects, the use of applications and games that contributed to the construction of an education amid a pandemic and emergency context.

Keywords: Teaching Geography. Technology. Student experience. Remote and hybrid teaching. Active Methodologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao roteiro de estudos do 6º ano B.....	35
Figura 2 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item envio de atividades do 7º ano A.....	36
Figura 3 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item uso de tecnologia do 8º ano A.....	38
Figura 4 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item uso de tecnologia do 9º ano B.....	39
Figura 5 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item roteiro de estudos do 1º ano A.....	41
Figura 6 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item envio de atividades do 2º ano B.....	42
Figura 7 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item uso de tecnologia do 3º ano A.....	43
Figura 8 - Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item contato com os professores do 1º ano B.....	43
Figura 9 - Ilustrações no caderno, criadas pelos alunos do 2º ano EM (Religiões asiáticas).....	59
Figura 10 - Ilustrações digitais, criadas pelos alunos do 2º ano EM (Religiões asiáticas).....	60
Figura 11 - Planetas/Sistema Solar produzidos pelos alunos do 6º ano.....	61
Figura 12 - Meios de comunicação produzidos pelos alunos do 7º ano.....	62
Figura 13 - Objetos produzidos pelos alunos do 9º ano (Sustentabilidade).....	63
Figura 14 - Print da participação da aluna em construção de painel interativo on-line.....	64
Figura 15 - Etapas do caça-palavras on-line respondido pelos alunos do 8º ano.....	65
Figura 16 - Gráfico on-line construído a partir da interação dos alunos do 8º ano....	67
Figura 17 - Nuvem de palavras on-line construída a partir da interação dos alunos do 7º ano.....	67
Figura 18 - Tela inicial do blog dos alunos do 2º ano EM (Economia Continental - Rússia).....	69
Figura 19 - Comentários no Chat do portal educacional do 1º ano EM (Solos).....	70

Figura 20 - Videoaula autoral, disponível no Youtube.....	72
Figura 21 - Aula síncrona via Zoom, com os alunos do 6° ano B.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Tecnologia, ensino de geografia e a pandemia.....	12
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Área de estudo.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
4.1 Principais dificuldades apontadas pelos alunos no ensino remoto.....	29
4.1.1 Adaptação ao Ensino Remoto.....	29
4.1.2 Autoavaliação das turmas de Ensino Fundamental e Médio.....	32
- Respostas dos alunos do Ensino Fundamental.....	34
- Respostas dos alunos do Ensino Médio.....	40
4.1.3 Considerações e impressões acerca da autoavaliação dos alunos.....	44
4.2 Tentativas e possibilidades no ensino de geografia em 2020: ensino à distância e híbrido em colégio particular de Manaus.....	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	85

1 INTRODUÇÃO

De repente a rotina mudou, tudo mudou...

Parecia impossível, vivendo num sistema capitalista ativo e globalizado, onde tudo é conectado e interligado pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Os noticiários traziam informações sobre um novo vírus e depois sobre a possibilidade de este atingir outros países e assim, tornar-se uma pandemia. E assim foi!

Eis que em março de 2020, pela primeira vez em muitos anos foi necessário parar as todas atividades externas que proporcionassem aglomeração, entre elas as atividades escolares. E surgem dúvidas sobre o que fazer agora, como seria dali para frente? Tivemos que nos adaptar, nos reinventar e seguir adiante, pois a vida e a educação não podem parar.

E é a partir desse contexto que surge a ideia de escrever este trabalho, que teve como objetivo geral: Relatar os desafios e possibilidades para o ensino de geografia nas modalidades remota e híbrida nos níveis fundamental e médio de uma unidade privada em Manaus, no contexto da pandemia do Coronavírus em 2020.

De maneira específica, objetivou-se Contextualizar a nova realidade educacional a partir da pandemia do Coronavírus em relação ao uso de tecnologias no ensino de geografia; Apontar os benefícios e as principais dificuldades citadas pelos alunos para acompanhar o ensino remoto; e Descrever as tentativas e possibilidades para o ensino de geografia no sistema privado no contexto da pandemia, nas modalidades e ensino remoto e híbrido.

Desta forma, o trabalho foi estruturado a partir da construção do referencial teórico contextualizando a realidade em relação aos temas tecnologia, ensino de geografia e a pandemia vivida. No item resultados e discussões apresenta-se os dados referentes ao questionário respondido pelos alunos, com os benefícios e dificuldades no ensino remoto bem como as considerações e impressões acerca da colaboração dos mesmos.

E ainda como resultados, destacam-se as tentativas e possibilidades no ensino de geografia que foram realizadas tanto no ensino remoto como no ensino híbrido na instituição da rede privada de Manaus, objetivando ilustrar as atividades propostas e devolvidas para correção por meio do portal educacional.

Tal relato visa ampliar o debate acerca de algumas das mudanças que passaram a ocorrer no ensino a partir do contexto pandêmico vivenciado, especialmente na visão dos alunos respondentes, que vivenciaram em diferentes condições, lugares e contextos familiares as transformações sem precedentes que foram necessárias a cada um de nós e aos sistemas educacionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tecnologia, ensino de geografia e a pandemia

A vida em sociedade que sob o bombardeio constante de informações e transformações, cada vez mais rápidas e cada vez mais ligadas ao aspecto da tecnológico. Nos afazeres cotidianos, as facilidades, o conforto e até mesmo dependência de alguns equipamentos como os telefones celulares, smartphones e computadores ultramodernos são latentes.

Nesse sentido, sabendo que a tecnologia está inserida em todos os contextos da vida humana, é factual citar as mudanças que aconteceram ao longo do tempo no mercado de trabalho, trazendo exigências cada vez maiores para a formação de pessoas com habilidades ligadas à inserção da tecnologia nos processos produtivos.

Para essa formação cada vez mais exigente altera-se também o cenário educacional, com a tecnologia se fazendo presente em todos os contextos. E mesmo nos países menos desenvolvidos, a evolução tecnológica também se faz sentir na utilização de computadores, lousas interativas e em casos mais otimistas, a substituição dos cadernos e canetas por tablets, notebooks e blocos de notas no celular.

Vale lembrar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) atingiram não só a vida cotidiana das pessoas mas chegaram ao contexto educacional se impondo a alunos e professores como uma alternativa a ser considerada, para aprender e ensinar de novas formas com o uso de ferramentas tecnológicas, trazendo novas questões ao cenário educacional (SANTOS, 2011).

O que se pode entender por tecnologias de informação e comunicação? Inicialmente vale buscar a compreensão sobre o que vem a ser tecnologias... Ao contrastar lousas digitais e quadros negros percebe-se um processo de evolução que se remete a dois importantes conceitos: o de técnica e o de tecnologia. De acordo com o professor Milton Santos (2002a), enquanto o primeiro se refere aos passos para executar uma ação ou chegar a um determinado resultado, o segundo está ligado a toda a criação a partir de conhecimentos técnicos e científicos.

Nessa evolução tecnológica, a ligação entre a técnica e a ciência ou a tecnologia passa por momentos diferentes: a ferramenta, utilizada a partir da própria força humana; a máquina, um conjunto de ferramentas de funcionamento baseado

em energia não humana; e o autômato, que responde às informações recebidas e foge ao controle humano (SANTOS, 2002a). Vale ressaltar que entre cada um desses estágios de produção, tempos e formas de organização do espaço diferentes resulta a construção da história humana em toda a sua complexidade.

Fava (2016) a esse período atual denomina de Revolução digital, que entende como sendo a quarta revolução da informação na história da humanidade. Uma delas foi a revolução da imprensa e ele nos lembra que assim como essa revolução fez surgir uma nova e importante classe de técnicos da informação, assim também a recente revolução digital tem provocado uma especialização em softwares mais sofisticados.

Gabriel (2013, p. 3) cita que os impactos das tecnologias digitais na vida humana não têm precedentes na história, pois nenhuma delas passa pela sociedade neutras ou despercebidas. No passado, nenhuma outra revolução tecnológica modificou de modo tão significativo a velocidade das informações e o desenvolvimento de tecnologias, fazendo com que o ambiente em que vivemos seja acelerado e baseado nessa evolução, considerada um importante motor de mudanças tanto na sociedade, quanto na educação.

E trazendo tantas consequências ao estilo de vida das pessoas, as técnicas (mais tarde imbuídas de ciência) acabam por definir ou distinguir as épocas, os tempos humanos. Nas palavras de Milton Santos “as épocas se distinguem pelas formas de fazer, isto é, pelas técnicas” que envolvem descobertas para as coisas mais simples do cotidiano (SANTOS, 2002a, p. 177). E que a ligação entre a técnica e a ciência (ou seja, a tecnologia) tem multiplicado processos criativos e a invenção do método da invenção.

Whitehead (1971) apud Santos (2002a) aponta para a invenção do método da invenção como a maior invenção do século XIX. Esse é um marco histórico para a sociedade que tem suas práticas cotidianas cada vez mais marcadas pela criação de novos produtos, materiais e apropriações que passam a se multiplicar a partir da relação entre ciência e técnica, que cresceu e se intensificou, embasando o discurso e a prática da globalização.

Kenski (2003, p. 2) aponta que a existência de tecnologias, ao contrário do que se pode pensar, não é um acontecimento recente. Mas:

(...) desde o início da civilização, o predomínio de um determinado tipo de tecnologia transforma o comportamento pessoal e social de todo o grupo. Não é por acaso que todas as eras foram, cada uma à sua maneira, “eras

tecnológicas”. Assim tivemos a Idade da Pedra, do Bronze....até chegarmos ao momento tecnológico atual, da Sociedade da Informação ou Sociedade Digital.

Cada momento teve sua tecnologia e desse modo, cada época determinou também a necessidade de mudanças sociais de adequação às tecnologias do seu tempo, definindo novos valores bem como novos comportamentos. Revoluções tecnológicas são comuns na história humana e cada uma delas foi responsável por transformações antes impensadas, como conseguir ir de um lado a outro do mundo em horas e realizar transações bancárias virtualmente.

Em relação à rapidez no desenvolvimento de novas tecnologias, Santos (2002a) destaca que, em média, eram necessários 37 anos para uma nova tecnologia surgir no início do século XX, depois 24 anos entre as duas grandes guerras e após a II Guerra mundial, esse tempo foi simplificado para apenas 14 anos.

Ele usa então a expressão "processo brutal" para caracterizar a rapidez de desenvolvimento tecnológico, que envolve muito mais lugares e pessoas em uma velocidade inacreditável, contrastando com o processo gradual e lento do passado. Tais sistemas técnicos atuais possuem formas mais flexíveis, que circulam por meios materiais e imateriais (entenda-se os informacionais), ou seja, aqueles que funcionam a partir de sistemas de informação.

Um processo tecnológico é também considerado inevitável e irreversível: inevitável, pois sua difusão faz parte de um contexto de produção e mais-valia em nível mundial e irreversível que uma vez implantada, se torna fato e fica difícil viver sem ela a partir de sua difusão.

Para Gabriel (2013), viver essa nova revolução tem encaminhando a sociedade à Era Digital, cujo impacto na vida cotidiana tem se mostrado sem precedentes na história da humanidade pela quantidade de informação e de desenvolvimento tecnológico que tem sido vertiginosa.

A expressão ‘sociedade da informação’, que na concepção de Werthein (2000 apud SANTOS, 2002a) passou a ser usada como sinônimo de sociedade pós-industrial para designar uma mudança de paradigma. Na sua concepção o ponto central nesse processo não é mais a fonte de energia próxima e disponível como na sociedade industrial, mas o acesso mais rápido e barato à informação, especialmente a partir dos avanços tecnológicos nos centros mais desenvolvidos.

Moran et al (2000) também faz menção a essa relação no contexto social, destacando que a formação de uma sociedade da informação se refere à vida social em um período de demandas rápidas e instantâneas, onde:

As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas. (...) É uma situação nova no aprendizado (MORAN et al, 2000, p. 20-21).

Segundo a autora supracitada, esse enorme avanço tem se estendido da sociedade em geral para os sistemas educacionais, e baseada em Kurzweil, afirma que tais mudanças tecnológicas tem encaminhado a sociedade para a Era do crescimento exponencial que proporcionará ao século XXI não apenas 100 anos de progresso, mas 20 mil devido ao crescimento exponencial.

Fava (2016) colabora para a noção do quão envolvente e transformante é a tecnologia no dia a dia das sociedades digitais, que acabam por redefinir os mais diversos segmentos da vida (como educação, família, justiça, poder entre outros) e despertar novas convicções, atitudes e posturas dando novas noções de tempo e espaço.

A influência da tecnologia na vida em sociedade se reflete na formação de gerações cada vez mais ligadas ao conteúdo digital tanto como produtoras quanto como consumidoras. Uma geração corresponde a "um grupo de pessoas dentro de uma população que experimenta os mesmos eventos significantes em um determinado período de tempo" (GABRIEL, 2013, p. 85). Assim, uma geração é composta por pessoas que, por terem nascido no mesmo período de tempo, experimentam as mesmas circunstâncias históricas e culturais mas nem por isso, são semelhantes nas atitudes, valores e comportamentos.

Sob a influência das tecnologias digitais, Gabriel (2013) destaca duas gerações a serem analisadas, as gerações Y e Z. Por geração Y, entende-se os nascidos a partir de 1980 até o início da década de 2000 que também podem ser denominados como Millennials, Generation Next e EchoBoomers. A geração Z por sua vez, se refere aos nascidos a partir do ano 2000, também denominados iGeneration, Generation@, Net Generation, Generation AO (Always on), Generation Text e Nativos digitais.

Sobre os alunos, seguem algumas características acerca das gerações atuais: os N-Net]-gen ou D-[para digital]-gen podem ser considerados falantes

nativos dessa nova linguagem digital de equipamentos facilmente utilizados por eles como computadores, videogames e internet.

Àqueles que não nasceram nesse contexto de um mundo dominado pelo digital (antes da década de 1980) e não interagem naturalmente com os computadores, mas que posteriormente se adaptam à realidade das novas tecnologias Prensky (2001) chama de imigrantes digitais. O autor destaca que como todo imigrante, é preciso se adaptar e aprender, alguns melhor e mais rápido do que outros.

Buscando compreender quem são os nativos digitais, Prensky os descreve a partir de características gerais, a saber:

Os nativos digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processo paralelo e multi-tarefa. Eles preferem seus gráficos antes do texto em vez de o oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles funcionam melhor quando em rede. Eles prosperam com gratificação instantânea e recompensas frequentes. Eles preferem jogos ao trabalho "sério" (PRENSKY, 2001, p. 2).

Por conviverem de maneira muito íntima e constante com as novas tecnologias, os alunos da era tecnológica digital se vêm envolvidos ou seduzidos por realizar suas atividades de maneira simultânea e instantânea, além disso, com um toque de diversão, com um fundo lúdico, se tornando assim ainda mais atrativo a eles.

Coelho (2012, p. 1) lembra que “Essa geração nasceu, cresceu e se desenvolveu em um período de grandes transformações tecnológicas” e, assim sendo, estabeleceu um nível de correlação com os meios digitais de modo a adquirir importantes competências e habilidades.

No entanto, para ter o bom aproveitamento de competências e habilidades a partir do uso das tecnologias, Gabriel (2013) afirma que o mais importante de uma revolução tecnológica não é a tecnologia na qual ela resulta, mas o que se faz com ela e como ela passa a ser favorável à vida. Depois de passado o encantamento por todas as tecnologias que surgem, o foco deve ser em identificar e potencializar os benefícios que elas são capazes de proporcionar.

São muitas possibilidades e também desafios a serem enfrentados nessa busca pela melhor forma de utilizar os recursos tecnológicos que se apresentam disponíveis. Inicialmente eles provocam o encantamento, a magia pelo digital em toda a sua praticidade e beleza. Mas Gabriel (2013) alerta que a sociedade tem

passado da fase de encantamento para a necessária fase de compreensão das melhores maneiras de aproveitar os benefícios tecnológicos.

Segundo Fava (2016), é somente a partir do final dos anos de 1990 que a ideia de educação (mesmo que a instrução ainda estivesse muito voltada ao mercado) começa a ser relacionada com a formação de um indivíduo pleno e integral.

Apesar dessa tendência à mudança, o autor destaca que ainda há muitas instituições de ensino e professores maculados pelos princípios da Revolução Industrial, com métodos padronizados, simples memorizações e sem preocupação com as competências exigidas para o século XXI. Uma pergunta necessária nesse momento é: será que as instituições e os professores estão preparados para essa nova realidade e suas exigências? Santos (2002b) fala sobre a necessidade de vislumbrar o futuro, de fazer perceptíveis as tendências e Fava (2016) concorda com a necessidade de formar professores cada vez mais capacitados a lidar com essa tendência tecnológica, o que tende a gerar instituições potentes nesse segmento.

Datando desse momento da virada do século e as expectativas trazidas pelo contato com as novas tecnologias, vale ressaltar o estudo de Moran et al (2000) que argumentam sobre os investimentos em tecnologias feitos pelas instituições de ensino e suas expectativas:

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para mudar a educação. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente (MORAN et al, 2000, p. 11).

Como citado, cada tecnologia traz consigo benção e fardo, pois além de trazerem possibilidades elas também trazem novos problemas a serem solucionados, novas situações a serem organizadas e esclarecidas no contexto educacional. Mas vale ressaltar que por si só, a tecnologia na educação não resolve os problemas e não tem poderes mágicos diante dos desafios do educar. Continua cabendo ao ser humano o papel de explorar tais possibilidades, limites e aplicabilidades.

Esse raciocínio se aplica ao contexto educacional, onde as tecnologias podem ser tanto auxiliares quanto verdadeiros entraves aos processos de ensino e aprendizagem, pois simplesmente possuir estrutura tecnológica não garante sucesso educacional a nenhuma instituição de ensino.

Não é uma excelente estrutura nas escolas e universidades que vai determinar se a educação ofertada é de melhor ou pior qualidade e sim a maneira como essa estrutura é utilizada. Assim como, utilizar tablets e celulares com acesso à internet não garante que a aprendizagem será efetiva ou significativa, pois essa utilização precisa estar em acordo com objetivos traçados e conteúdos trabalhados (GABRIEL, 2013).

Como completa a autora “Instituições educacionais que têm projetos pedagógicos ruins usarão a tecnologia de maneira ruim” (GABRIEL, 2013, p.13). Moran et al (2000) afirmam que, mesmo em um contexto onde a tendência era de valorização das tecnologias no ensino, havia muitas críticas às expectativas colocadas sobre o sucesso dessa união. Neste sentido, afirmam que:

(...) Se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento (MORAN ET AL, 2000, p. 12).

Sem dúvida, as tecnologias não são a garantia para a solução de todos os problemas da educação, que são complexos. Elas podem e devem ser utilizadas como recurso, como aliadas para favorecer uma aprendizagem com qualidade e significado.

No contexto do uso de novas tecnologias, aspectos que prescindem sua utilização com qualidade são a familiaridade e a capacidade de unir esse conhecimento ou domínio a metodologias que alcancem satisfatoriamente os alunos. Knuth (2016, p. 92) destaca que é necessário ter conhecimento acerca do funcionamento e linguagens dos computadores e da internet e que esse conhecimento acaba se tornando uma nova forma de alfabetização, que não sendo acessível a todos, gera exclusão.

Sobre este processo de exclusão supracitado, Santos (2002b) fala de universalização perversa ao afirmar que os benefícios do uso de novas tecnologias não atingem igualmente a todos, mas alguns poucos em detrimento de muitos, tecendo uma crítica em relação ao uso destes meios e o poder.

Estes instrumentos de universalização que são capazes de proporcionar redução do tempo e do espaço, e acabam por tornar as pessoas mais próximas mas que na verdade, fazem isso (que o autor chama de milagre) apenas por alguns, pois infelizmente nem todos podem ter acesso e ser beneficiados pelas facilidades que

eles proporcionam. Assim como os instrumentos não são plenamente acessíveis, o saber também não é realmente universalizado (SANTOS, 2002b).

Sem dúvida, há muitas pessoas à margem de todo esse processo onde o rótulo de generalização é discriminatória, favorecendo o aumento da riqueza e poder de alguns e deixando a imensa maioria na pobreza e fragilidade, o que amplia o abismo social, econômico e também nesse contexto, tecnológico e escolar.

Um dos ambientes onde essa exclusão se faz sentir são as salas de aula, onde se exige cada vez maior interatividade e utilização da pesquisa para o desenvolvimento de soluções tecnológicas, como contribuem Machado e Lima (2017). Tais características enriqueceriam a prática dos professores e o potencial dos alunos, mas é necessário lembrar que isso é inacessível a todos.

Dessa forma, a responsabilidade do professor está também em organizar esse espaço e a realização de atividades que promovam a aprendizagem por meio do uso de equipamentos tecnológicos, aplicativos, smartphones e tudo que a tecnologia oferece de possibilidades. Mas vale lembrar: em muitos lugares do mundo essa segue sendo uma perspectiva futura, uma possibilidade para ser colocada em prática quando esse acesso e esses equipamentos forem uma realidade. Triste desigualdade.

Com dureza Coelho (2012) afirma que muitos professores ainda buscam ensinar em uma linguagem atrasada para um público de linguagem nova, a digital. Enquanto isso, do outro lado, nossos alunos como nativos digitais se sentem perdidos e desestimulados. No entanto, vale ressaltar que:

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los (MORAN et al, 2000, p. 29-30).

Impossível não destacar nesse momento o necessário protagonismo do aluno diante dessa nova realidade no ensino, pois não cabe mais apenas ao professor a responsabilidade pelo processo de ensino e aprendizagem dos alunos, especialmente porque a ele cabe o papel de mediador, de condutor e não mais de único detentor do conhecimento. Mas cabe também a esse profissional a abertura às novas possibilidades, em especial a busca de novas formas que vão de encontro às necessidades de aprendizagem dos alunos, levando em conta ainda as possibilidades e apoio material da escola.

Sobre a responsabilidade dos alunos diante de sua aprendizagem, Moran et al (2000) destacam que o processo de aprendizagem também depende do interesse do aluno, de sua maturidade para ressignificar a informação e incorporá-la a sua vivência. Para ele, se a informação não for transformada em conhecimento de modo a se conectar com o contexto pessoal, intelectual e emocional do aluno, não será significativa, mas passageira e brevemente esquecida.

A partir disso, pode-se compreender que o sucesso do processo de ensino e aprendizagem depende da participação e esforço de todos os atores envolvidos, que precisam estar dispostos às mudanças propostas pela realidade vivida, que está em constante transformação.

Perrenoud (2000) nos lembra que se a escola ministra um ensino que na prática não é útil ao uso externo, corre o risco de desqualificação. Em suas dez novas competências para ensinar, destaca a importância de utilizar novas tecnologias, sem no entanto sem valorizar “adeptos incondicionais” e do outro, encontrar “céticos de má fé”, afirma autor.

Para ele, o professor deve reunir algumas competências a fim de utilizar com qualidade as novas tecnologias como, por exemplo: proporcionar um aprendizado para julgar, ter senso crítico, desenvolver os pensamentos hipotético e dedutivo, observar, pesquisar, imaginar, ler, analisar e estar prontos para procedimentos e estratégias de comunicação.

Diante dessa realidade cada vez mais tecnológica da vida em sociedade, da qual a educação faz parte, tem-se um contexto de importantes e gradativas mudanças. O ensino de geografia também tem passado por tais transformações, de modo a enriquecer seu arcabouço e possibilidades, diante do uso de tecnologias.

Dessa forma, vale lembrar que o passado dessa ciência é marcado por uma oferta de conhecimentos mnemônicos e decorativos, com conteúdos europeizados e, portanto, desconexos da realidade do aluno. Essa situação acabou fazendo com que a ciência geográfica se tornasse uma disciplina escolar não muito bem quista nas salas de aula país e mundo afora.

Afinal, é somente a partir da década de 1970 que a Geografia consegue iniciar a passagem por uma renovação, que é inclusive criticada pela lentidão desse processo e pela distância entre a Universidade e as salas de aula.

Vlach destaca uma nova perspectiva nesse contexto da antiga geografia, defasada e fora da realidade: a necessidade de professor e aluno tornarem-se

sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, o que segundo ela é possível somente a partir da produção conjunta em sala de aula, pois é o trabalho pedagógico desenvolvido que vai dar sentido a essa construção (VLACH, 1987).

Neste sentido, cita-se a importância de uma educação geográfica em detrimento de muitos anos de ensino de Geografia. Esse entendimento da necessidade de construção e não do ensino, permite uma visão integrada aos alunos, tanto da ação social e cultural dos lugares quanto por exemplo, das interações entre as sociedades e sua dinâmica com a natureza ao longo do tempo histórico (CASTELLAR; VILHENA).

Tais mudanças necessárias no ensino de geografia resultam de expressivas mudanças sociais visando a renovação que essa corrente de pensamento mais crítica trouxe: a ideia de uma geografia mais ativa diante da realidade e dos acontecimentos sociais, assumindo um papel mais dinâmico e menos contemplativo.

E neste sentido, a geografia tem plena possibilidade de ser mais ativa e de se expandir enquanto ciência mediante o uso de novas tecnologias de informação e comunicação, pois encontra nelas agilidade na busca de informações e resultados, o que tem levado o professor de geografia a buscar aperfeiçoamento na área da informática visando a melhoria do atendimento ao seu alunado (SANTOS, 2009).

Uma questão importante a ser levantada aqui é sobre a formação dos professores: até que ponto eles foram ou tem sido preparados para essa realidade? Faz-se necessário contar com a formação continuada aos professores e a estrutura oferecida pela instituição de ensino, dando suporte teórico e físico para a realização de uma educação geográfica a partir do uso de tecnologias.

Como posto anteriormente, muitas escolas tem feito investimentos em equipamentos tecnológicos, mas em muitas outras falta investimento na qualificação e formação continuada dos professores para que tenham conhecimento das potencialidades que as tecnologias podem oferecer ao seu trabalho. Pois,

O esforço que ora se faz em aparelhar o espaço escolar de instrumentos tecnológicos não terá sentido, se paralelamente o docente não se apropriar dos conhecimentos necessários para operá-los no seu campo de trabalho. No meio docente é unânime a afirmação de que por si só esses equipamentos de nada contribuirão na melhoria do ensino (SANTOS, 2009).

Mediante tantas transformações da técnica e da tecnologia na vida em geral e também na educação e no ensino de geografia, a pandemia do Coronavírus iniciada em 2019 e que chegou ao Brasil e atingiu a educação em março de 2020, traz um

marco que modificou o padrão educacional vigente até então. Mais uma quebra de paradigma.

Claramente diante de um cenário de crise, foi necessária uma alternativa como medida emergencial: o ensino remoto, que funcionou como uma tentativa de normalizar o momento singular vivido nos primeiros meses de pandemia, bem como na segunda onda pela qual o país e nossa cidade passou. Mas, de acordo com Santos (2020, p. 1-2):

O objetivo da crise permanente é não ser resolvida. Mas qual é o objetivo deste objetivo? Basicamente, são dois: legitimar a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. Assim temos vivido nos últimos quarenta anos. Por isso, a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade. Em muitos países, os serviços públicos de saúde estavam mais bem preparados para enfrentar a pandemia há dez ou vinte anos do que estão hoje (SANTOS, 2020, p. 1-2).

Ao invés de normalizar a situação da crise provocada pela pandemia, o ensino remoto acabou por escancarar os grandiosos abismos na realidade vivida por nossas crianças, adolescentes e suas famílias no que diz respeito a tudo o que era necessário para sobreviver, quanto mais para um modelo emergencial de educação que depende do aparato tecnológico para acontecer. Um contexto mundial, ampliado pelas desigualdades presentes no espaço vivido de tantas pessoas em diversas regiões do mundo.

Como destaca Santos (2020), famílias numerosas habitando pequenos espaços insalubres não são uma exclusividade da América, mas também fazem parte de uma Europa invisível e da fronteira sul dos Estados Unidos. Cada vez mais essa realidade se multiplica em outras partes do mundo e pode haver dessas zonas invisíveis bem perto de cada um de nós.

Para muitas dessas famílias sempre faltou o básico. Com a explosão de casos na primeira onda da pandemia, a situação só agravou sua situação de invisibilidade, como destacou o autor. Sem o básico, como seria possível ter acesso a computador, celular, tablet ou internet de qualidade?... Essa crise proporcionada pela pandemia trouxe à tona outras necessidades para o tempo vivido.

A falta de acesso diário a um equipamento tecnológico para acompanhar as aulas, falta de uma conexão de internet mais potente para assistir vídeos ou aulas síncronas, falta de um espaço para poder se dedicar às aulas com a devida concentração e silêncio, falta de tempo, apoio e estrutura familiar e até mesmo, falta

de prioridade para estudar, num contexto onde a família precisava de renda pra sobreviver e alguns adolescentes e jovens precisaram passar a trabalhar. Foram e são muitas faltas.

E somado a tudo isso, vários alunos viram e conviveram diariamente com noticiários fatídicos, com familiares e amigos que adoecerem e até mesmo o drama familiar da perda para essa doença avassaladora, para um inimigo invisível que mudou vidas e abalou estruturas sociais, financeiras, educacionais e emocionais.

Isso porque, o estilo de vida capitalista de tempos rápidos e necessidade do dinheiro, de pouco tempo para ficar em casa e muito consumo foi alterado pela nova realidade pandêmica, promovendo uma quebra de paradigmas de tudo o que foi vivido até então.

Foi necessário adaptar os trabalhos ao sistema home office, pois foi obrigatório ficar em casa. Mas para muitos, o ficar em casa era uma opção inviável, para o sustento familiar garantido no trabalho informal e diário, sem seguridade trabalhista. Para muitos pais e mães de família, foi um momento de muitas angústias e incertezas, em busca de alternativas para enfrentar tal situação.

A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra. (...) Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível (SANTOS, 2020, p. 2).

Como destaca Boaventura Santos (2020, p. 3), “O surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro”. Num dia ouve-se falar de um vírus letal crescendo e se espalhando pelo mundo, e algum tempo depois é necessário fechar tudo, inclusive as escolas para evitar contágio em massa e o que colapso do sistema se saúde. A pandemia (expressão que significa ‘todo o povo’) trouxe a necessidade de distanciamento social, uma tragédia que evidencia a ideia de solidariedade por meio da falta de contato físico.

A pandemia veio para escancarar as desigualdades sociais presentes em nosso cotidiano, dessa vez desde o alimento até outra questão básica dos nossos tempos: a socialização virtual, os encontros familiares mediados pela tecnologia, que também eram e são inacessíveis a todos.

As desigualdades que, se não estão enraizadas nos lares e famílias próximos, se fazem sentir todos os dias nos semáforos onde predomina a mendicância, no

trabalho em regime de semi-escavidão, na coleta de lixo entre tantas outras situações que se tornam medidas emergentes de sobrevivência.

Santos (2020, p. 15) reafirma o que não é desconhecido: “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores”. As necessidades e a vulnerabilidade de alguns grupos sociais não surgiu e nem melhorou com a quarentena, apenas se agravou e está ao Sul, como destaca o autor. E essa não é uma menção ao espaço geográfico, mas a um espaço-tempo político, social e cultural que há muitas gerações segrega e discrimina.

Dessa forma, pode-se destacar que muitos alunos do tempo pandêmico se encontram ao sul, sem a possibilidade de adequação à nova realidade tecnológica que foi e tem sido necessária a partir da pandemia. Para alguns deles, nada na estrutura da sua vida mudou. Para outro grupo, algumas situações pontuais mudaram, mas não chegaram a comprometer a qualidade do básico: moradia, alimentação e conexão com o mundo externo. Para muitos deles, porém, a realidade vivida que já era ruim, apenas se agravou.

No item seguinte, onde apresenta-se a Metodologia desta pesquisa, contextualiza-se sua justificativa, público-alvo envolvido na pesquisa e a abordagem adotada, a fim de alcançar os objetivos propostos. Descreve-se sua abordagem, natureza e objetivos, além do instrumento de coleta de dados utilizado e que encontra-se em anexo.

3 METODOLOGIA

3.1 Área de estudo

A ideia de uma pesquisa dessa natureza surgiu da vivência do ensinar geografia durante a pandemia do Coronavírus, que foi identificado ainda no ano 2019 e chegou ao Brasil no ano seguinte.

O colégio da rede privada onde ocorreu a pesquisa, é uma instituição de nível mundial que está presente em 145 países e com mais de 8 mil instituições que vão desde a educação infantil até o nível superior, presente no Brasil há 120 anos e classificada como filantrópica e confessional, com certificação CEBAS (Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social).

Apesar do colégio estar ligado a uma filosofia religiosa, boa parte dos alunos não são de famílias que professem a mesma religião, mas tem reconhecidos princípios morais e éticos. Sendo filantrópica, a instituição tem um processo disputado de bolsas de estudo parciais (50%) e totais (100%), com uma média de 20% de alunos bolsistas.

Faz parte da rede privada de ensino e situa-se na zona leste da cidade de Manaus, com 24 anos de história e uma média superior a 1.100 (um mil e cem) alunos distribuídos entre educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio e funcionou normalmente nos períodos matutino e vespertino ininterruptamente até o dia 16 de março de 2020.

Do total de 565 alunos matriculados nos níveis fundamental e médio no ano de 2020, 290 participaram desta pesquisa respondendo à autoavaliação, o que corresponde à 51,33% dos alunos.

A autoavaliação era composta por cinco itens, que visavam proporcionar um entendimento acerca da forma como os alunos participaram das aulas remotas de acordo com os seguintes aspectos: roteiro de estudos, envio de atividades, uso da tecnologia, contato com os professores e aprendizado (ver anexos A e B).

Contendo perguntas fechadas, com as seguintes opções sim, às vezes e não. Cada um dos cinco itens citados anteriormente, tinham subitens a serem analisados, totalizando 24 frases para refletirem como foi o estudo no período de aulas não presenciais (remotas). Os alunos deveriam marcar uma opção por subitem, a partir da sua compreensão sobre como foi o modo de estudar e os desafios enfrentados por eles nesse período.

Sendo assim, essa pesquisa de abordagem quali-quantitativa buscou associar técnicas da pesquisa quantitativa e qualitativa, levando em conta a mensuração numérica dos dados e a complexidade dos fenômenos abordados, valorizando a relação dinâmica entre os sujeitos e o mundo real.

Foram analisadas as respostas dos alunos de maneira quantitativa em relação às suas dificuldades no ensino remoto e qualitativamente, as explicações e frases onde são levados em conta com mais clareza os sentimentos, opiniões e percepções dos alunos quanto às mudanças que foram necessárias e paliativas à situação imposta pela pandemia.

Para Minayo (1997), em uma pesquisa científica, os tratamentos quantitativos e qualitativos dos resultados podem ser complementares, enriquecendo a análise e as discussões finais. A partir desse entendimento, a pesquisa quali-quantitativa é aquela que se utiliza tanto de dados numéricos quanto de análise, neste estudo em específico, visando classificar e analisar as opiniões e realidades dos alunos sobre os tipos de ensino remoto e híbrido.

Bryman (1992) apud Flick (2009) destaca que essa combinação pode ser entendida como triangulação e pode permitir um quadro mais amplo da questão abordada, onde os métodos quantitativo e qualitativo se apoiam, fornecendo uma análise tanto estrutural quanto processual.

Foi realizada revisão bibliográfica para compor a base da pesquisa, elencando importantes dados acerca da tecnologia e sua importância para o ensino de geografia, fator esse que também se tornou determinante para o período analisado, a saber, o ensino a partir da pandemia.

A pesquisa bibliográfica é definida por Marconi e Lakatos (2003, p. 183) como:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Além disso, foram analisadas as respostas de 290 alunos do ensino fundamental II e ensino médio (correspondendo a 51,33% do corpo discente desses níveis), por meio do instrumento de coleta de dados questionário (em anexo), com

questões fechadas sobre seu desempenho no ensino remoto, quando houve o primeiro retorno às aulas após a primeira onda da pandemia de 2020. Vale ressaltar que período de ensino remoto avaliado pelos alunos ocorreu entre os meses de março e junho de 2020, tendo sido a pesquisa respondida no mês de agosto, quando ocorreu o retorno ao ensino híbrido.

Após a participação dos alunos respondendo ao questionário de perguntas fechadas que foi uma proposta da União Noroeste Brasileira (um órgão interno e superior ao Colégio), a eles também foi solicitada a participação em uma complementação ao mesmo, expondo sua opinião por extenso em relação a alguns aspectos propostos pelo questionário, o que em muito auxiliou na compreensão de suas impressões e opiniões. Foi realizada a tabulação dos dados a partir das respostas dos alunos, o que possibilitou a construção de gráficos de cada item do questionário, a fim de organizar as informações e facilitar sua compreensão visual.

Quanto à sua natureza, pode ser classificada como uma pesquisa aplicada, por ter como motivação a experiência com os tipos de ensino à distância e híbrido, resultando da rápida mudança provocada pela pandemia do Coronavírus, em 2020. De acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20) a pesquisa aplicada visa o entendimento de como é possível aplicar de modo prático questões específicas, com verdades e interesses locais.

E quanto aos procedimentos técnicos, além de bibliográfica, a pesquisa também se constitui em um estudo de caso, identificando de maneira detalhada o conhecimento sobre a experiência dos alunos com o ensino à distância e o ensino híbrido.

Silva e Menezes (2005) definem o estudo de caso como um estudo mais aprofundado e até mesmo exaustivo de um ou poucos objetos, para que assim se chegue a um conhecimento mais amplo e detalhado do objeto pesquisado.

Sobre o estudo de caso com entrevista, Marconi e Lakatos (2003, p.197) afirmam que o mesmo tem no instrumento de coleta de dados um roteiro pré-estabelecido a ser seguido pelo entrevistador e dessa forma se realiza a abordagem ao entrevistado. O objetivo é obter respostas para as mesmas perguntas para que elas possam ser comparadas.

A seguir, apresentam-se os Resultados e discussões da pesquisa, destacam-se as principais dificuldades apontadas pelos alunos de ensino fundamental e médio de um colégio da rede privada de ensino de Manaus a partir de sua experiência com

o ensino remoto e posteriormente o híbrido, bem como algumas possibilidades aplicadas nesse novo e marcante momento do ensino, necessário e emergencial.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Principais dificuldades apontadas pelos alunos no ensino remoto

4.1.1 Adaptação ao Ensino Remoto

A partir do dia 16 de março de 2020, um decreto municipal (baseado em portaria do Ministério da Educação) estabeleceu o fechamento das instituições de ensino trazendo a necessidade urgente de uma alternativa a essa realidade da pandemia do Coronavírus.

Os rumores sobre a pandemia do novo vírus existiam, mas não se cria que mudanças tão drásticas seriam realmente tomadas, encerrando momentaneamente as atividades presenciais. Comunicados foram enviados pelas mídias sociais do colégio e pelas redes sociais pessoais de professores e funcionários, a fim de alcançar o maior número possível de alunos e responsáveis. E foi assustador, pois em tantos anos trabalhando na educação, nunca se viu algo dessa magnitude.

De acordo com a portaria nº 343/2020 do MEC, ficou a cargo do ministro da educação:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

§ 1º O período de autorização de que trata o caput será de até trinta dias, prorrogáveis, a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital.

§ 2º Será de responsabilidade das instituições a definição das disciplinas que poderão ser substituídas, a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a realização de avaliações durante o período da autorização de que trata o caput (BRASIL, 2020).

A partir dessa decisão superior, houve uma pausa com o colégio fechado no restante dessa semana (dos dias 17 a 20 de março de 2020) com retorno marcado para o dia 23 de março, a segunda-feira seguinte... Neste pouquíssimo tempo, a rede educacional tentou rapidamente adequar-se adaptando seu ambiente virtual que havia sido disponibilizado anos antes, mas agora, foram acrescentadas algumas funções como recebimento de atividades, possibilidades de postagem de videoaulas, áudios e chats ou fóruns, transformando-o em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Foi também nesse curto prazo de quatro dias úteis que os funcionários da secretaria e orientação educacional conseguiram organizar os dados de cadastro dos alunos para criar grupos de WhatsApp de cada turma, que passaram a ser nosso meio de comunicação, avisos e nesse primeiro momento, foi a primeira plataforma de contato acadêmico.

Muita coisa foi sendo ajustada ao longo do processo, muitas mudanças percebidas pelos professores e alunos e sendo repassadas à coordenação pedagógica e orientação educacional para assim serem ajustadas pelos responsáveis da área de Tecnologia da Informação. Vale ressaltar que o processo de passagem do ensino regular presencial para o ensino remoto foi brusco e emergencial, ocorrendo exclusivamente por conta da pandemia.

Por muito tempo, esse novo momento do ensino foi qualificado como ensino à distância, mas essa modalidade já existia e não é destinada aos níveis infantil, fundamental e médio.

Auxiliando nessa compreensão, Behar (2020) destaca que os ensinos remoto e à distância não são sinônimos, sendo importante classificar esses conceitos. O ensino remoto, além de emergencial se caracteriza pela distância necessária entre professores e alunos para evitar a disseminação do Coronavírus.

Dessa forma, entende-se que por conta da pandemia, os planejamentos e atividades pedagógicas tiveram que ser readequados à realidade remota, pontuais e mediadas pela internet para tentar minimizar os impactos da paralisação imposta pelos decretos, em observância às medidas sanitárias e de distanciamento social. Dessa forma, pode-se tomar por definição que:

(...) Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas. Dessa forma, o ensino presencial físico precisou ser transposto para os meios digitais (BEHAR, 2020, s/p).

Com as devidas adequações iniciais, os responsáveis e alunos foram comunicados sobre o retorno às aulas no dia 23 de março de 2020 em sistema remoto por meio das mídias sociais do colégio e também por meio dos grupos das turmas no WhatsApp. E foi um momento conturbado, de muitos ajustes, de muitas dúvidas e inseguranças para todos os atores do processo.

E agora? Como faríamos para lecionar? Como seria ter que trabalhar de casa, somando-se a isso os afazeres domésticos, filhos, animais e todo o barulho que envolve um lar com seus integrantes em quarentena? Como poderíamos manter o controle das salas virtuais e avaliar crianças e adolescentes à distância e como eles conseguiriam aprender?

Foi um período de incertezas, à mercê de uma enxurrada de informações e ideias visando a otimização do processo de ensino e aprendizagem. Algumas metodologias e estratégias deram certo desde o início, várias tiveram que ser excluídas ou ajustadas, mas fato é que o crescimento promovido por essa situação pandêmica foi enorme diante do esforço de todos os envolvidos, especialmente dos professores que estavam atuando na linha de frente dessa transformação urgente e sem precedentes no ensino.

Entre erros e acertos foi necessário concluir o primeiro bimestre de modo remoto, já que neste momento da segunda quinzena de março de 2020 estávamos passando pelo auge da primeira onda da pandemia. Houve a necessidade de aplicação das avaliações de modo remoto, pelo sistema de provas que o colégio disponibilizava anteriormente mas era utilizado apenas pontualmente, por alguns professores e turmas.

Foi um momento bastante delicado, pois além de toda a situação da pandemia estar diariamente nos noticiários, gerando uma situação de incerteza e medo em relação à nova doença e à nova realidade vivida, muitos professores contraíram Covid-19 e trabalharam de casa, mesmo doentes. Isso não foi diferente com alguns dos alunos e seus familiares.

Outros professores e funcionários precisaram trabalhar com algum familiar doente em casa ou internado, outros com dificuldades em relação ao uso de tecnologias ou acesso a uma conexão de internet de qualidade, alguns eram do grupo de risco (por idade avançada ou por comorbidades) e foi necessário enfrentar esse conjunto de situações extremamente estressantes diante de um contexto caótico.

Passado o primeiro bimestre com os diversos aprendizados que ele trouxe, possibilidades metodológicas, posturas e situações reconhecidas, seguiu-se adiante com o segundo bimestre, que também teve que ocorrer totalmente no sistema remoto, abrangendo os meses de abril, maio e junho de 2020.

No mês de julho mantiveram-se as férias (trinta dias) de alunos, professores e funcionários com retorno às atividades presenciais marcado para a primeira segunda-feira do mês de agosto, dia 03, de forma híbrida. Sobre este modelo, "a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo" (MORAN, 2017, p. 1).

Nos últimos dias de férias, por meio das redes sociais do colégio e também através de documento oficial enviado no grupo da turma no WhatsApp das turmas, alunos e responsáveis foram comunicados do retorno híbrido, ocasião em que receberam também a divisão das turmas em grupos A e B, que frequentariam o colégio em semanas alternadas.

Houve ainda um terceiro grupo: o dos alunos que decidiram permanecer de maneira remota, estudando de suas casas, por serem ou conviverem com pessoas do grupo de risco (com comorbidades) ou por insegurança em retornar ao sistema híbrido presencial por parte dos pais e/ou do aluno. Portanto, o retorno foi uma decisão do aluno e de sua família, onde os pais se comprometeram em dar suporte aos alunos que decidiram permanecer em sistema remoto.

Ao retornarem às aulas no ensino híbrido, ainda na primeira semana, todos os alunos de ensino fundamental (ver anexo A) e médio (ver anexo B) que estavam presentes em sala de aula receberam a autoavaliação elaborada e enviada pelo departamento de educação da região noroeste brasileira para ser aplicada em sala de aula a todos os alunos da rede, conforme os grupos A e B. Dessa forma, somente os alunos que retornaram presencialmente ao colégio na primeira semana de agosto participaram da mesma.

4.1.2 Autoavaliação das turmas de Ensino Fundamental e Médio

Foi realizada nessa seção do trabalho a análise de cada subitem presente no questionário em anexo (ver anexos A e B), agrupando as respostas por turmas e levando em conta a maior quantidade de respostas entre as opções do questionário (sim / às vezes / não).

O primeiro subitem se refere ao roteiro de estudos, que é uma organização realizada pelos educadores no que diz respeito às etapas de aprendizagem e atividades que devem ser seguidas pelos estudantes semanalmente. Senna et al

(2018) lembram que essa proposta pedagógica pode contribuir significativamente para o desenvolvimento e construção da autonomia dos estudantes.

De acordo com os autores, outras vantagens do uso de roteiro de estudos são: personalização da aprendizagem, pode ser adaptável à realidade do professor e do estudante, permite a inserção de tecnologia, contribui para a aprendizagem significativa e permite ao estudante assumir o controle de sua aprendizagem (SENNÁ et al, 2018).

O segundo subitem, que se refere ao envio de atividades realizada pelos alunos, a fim de identificar por qual meio (plataforma ou aplicativo) o aluno fez a devolutiva das atividades propostas pelos professores ao longo do período de aulas remotas.

Apesar do ambiente virtual de aprendizagem da instituição estar disponível no dia 23 de março de 2020, na ocasião do retorno às aulas remotas, não iniciou-se seu uso de imediato pelo fato de que foi necessário conhecer melhor a plataforma, identificar suas funcionalidades e possibilidades para assim utilizá-la na interação diária com os estudantes.

O terceiro subitem diz respeito ao uso de tecnologia. Sabendo que o contexto da pandemia trouxe a necessidade urgente de adequação ao uso de tecnologia foi necessário identificar aqueles alunos que não faziam uso constante de equipamentos como celular, computador e aplicativos ou plataformas específicas. Apesar de fazerem parte de uma geração que nasceu mais familiarizada com as tecnologias e mais conectada através da internet, muitos utilizavam apenas os equipamentos dos pais esporadicamente, para redes sociais ou jogos específicos.

Ainda no contexto da pandemia do Covid-19, muita coisa mudou em relação ao acesso à internet: devido à atual crise financeira, aumento do desemprego e consecutivos decretos de isolamento social, muitas famílias com renda proveniente de atividades autônomas tiveram que abrir mão do serviço de internet para direcionar esse recurso para gastos fixos indispensáveis para a manutenção da família.

O quarto subitem, referindo-se ao contato dos estudantes com os professores, vale descrever que ele pode ter ocorrido de três formas. Primeiro através das aulas síncronas via Zoom, um aplicativo gratuito e de fácil acesso e funções, que permite o contato ao vivo com os alunos.

A segunda forma foi por meio da plataforma ou portal educacional, onde o aluno pode responder algo ao professor, descrever a atividade, ou alguma dúvida sobre a mesma, se quiser.

E a terceira por meio da interação no grupo de WhatsApp da turma, que por vezes ficava aberto para esse momento de tira-dúvidas ou ainda de debates e contribuições dos alunos sobre o tema da aula.

E por fim, o quinto e último subitem que trata de como os alunos analisaram seu aprendizado no período de aulas remotas. Tudo foi muito novo nesse cenário para todos: estudantes e docentes. Foi necessário refletir, planejar, ajustar, reinventar, excluir e inserir muita coisa nesse novo contexto educacional que a pandemia nos exigiu.

Para tentar compreender como eles avaliaram o próprio aprendizado nesse contexto, foi perguntado a eles se perceberam ter aprendido algo novo mesmo estudando em casa, se foi possível desenvolver habilidades a partir do uso do portal educacional e se eles acreditam ter participado das aulas e acompanhado o roteiro de estudos de forma adequada.

Necessário ressaltar que a análise apenas dos itens selecionados não é suficiente para medir o aprendizado dos alunos, mas nos auxilia a ter uma compreensão acerca do que eles entendem a partir do ensino remoto e das suas impressões e relações com os conteúdos.

Vejamos a seguir os subitens e as respostas das turmas do ensino fundamental.

- Respostas dos alunos do Ensino Fundamental

Quanto ao roteiro de estudos

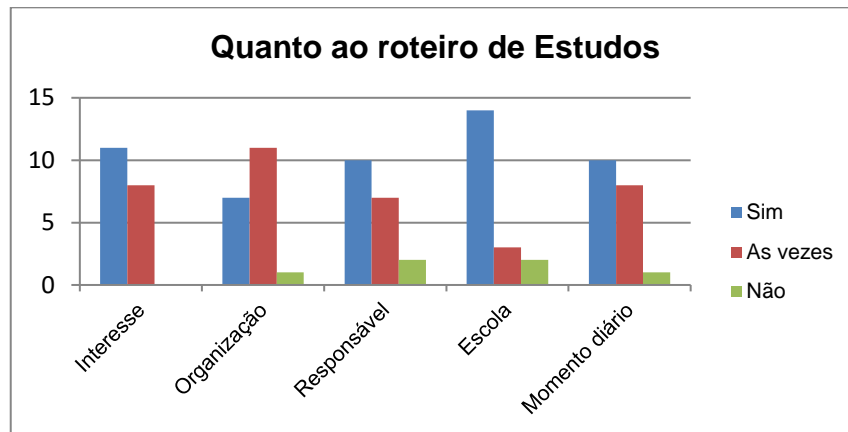
No que diz respeito ao roteiro de estudos, mais da metade dos alunos das três turmas de 6º ano entendem ter demonstrado interesse pelos estudos através do acompanhamento desse instrumento pedagógico.

A turma que mais se classificou como interessada pelas atividades propostas foi a turma B; sobre ter recebido orientações dos pais/responsáveis, a turma C teve a maior porcentagem com mais de 70%.

Sobre ter recebido orientações da escola, as turmas B e C em maior quantidade sinalizaram que essa orientação foi a predominante; no que diz respeito

a ter se dedicado diariamente às atividades, a turma C apresentou a maior quantidade de respostas positivas.

Figura 1: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item roteiro de estudos do 6° ano B



Fonte: A autora, 2020.

A maior parte dos alunos do 7° ano (de duas das três turmas respondentes), afirmaram ter demonstrado interesse pelos conteúdos presentes em seu roteiro de estudos às vezes. Quanto à organização em acompanhar as atividades propostas, a turma A foi a mais organizada com 80% dos alunos respondentes. Sobre a orientação dos pais ou responsáveis, mais de 80% da turma B afirmou ter recebido esse apoio. Quanto às orientações por parte da escola, as três turmas apresentaram valores acima de 80%. Sobre o momento diário de dedicação aos estudos, nas três turmas a média ficou em 50% dos alunos ouvidos.

Nas turmas de 8° ano, aquelas que se definiram como mais interessadas foram as turmas A e B, com respostas acima de 70%. Quanto à organização com as atividades, a maioria dos alunos nas três turmas disse ter sido organizado somente às vezes. No que diz respeito à orientação dos pais, a turma que menos recebeu esse acompanhamento foi a turma A. Sobre as orientações da escola, a mesma turma A foi a que mais afirma ter tido essa orientação. Em relação à dedicação diária para os estudos, a turma com o menor índice de dedicação conforme a autoavaliação foi a turma B, com apenas 37,5%.

Para os alunos dos 9° anos, a turma que em geral, se disse mais interessada pelos conteúdos propostos foi a turma B, assim como é também a turma B a que se colocou, por suas respostas, como a mais organizada quanto às atividades. A turma B foi a que menos recebeu orientação pelos pais ou responsáveis, e a turma que

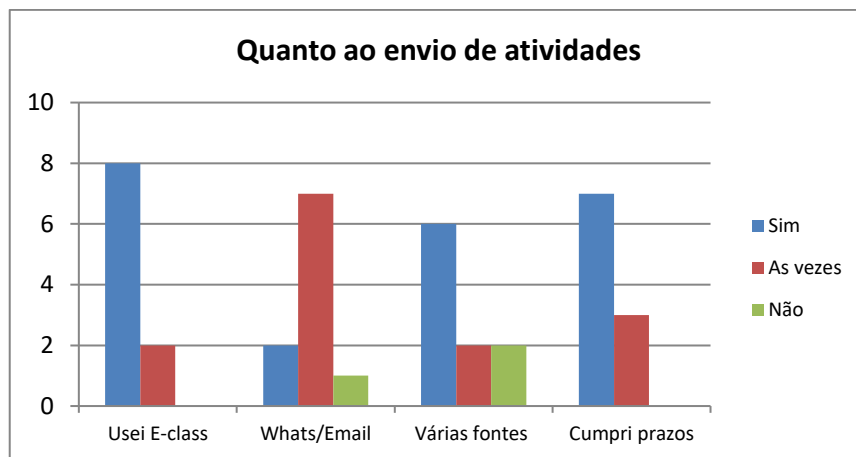
mais disse ter recebido orientação da escola foi a turma C. A turma B foi a que mais afirmou ter dedicado tempo para seus estudos diariamente.

Quanto ao envio de atividades

Sobre o envio de atividades nas turmas dos 6º anos, a média de utilização do portal foi superior a 90%. Em geral, metade dos alunos respondentes afirmou ter utilizado o portal educacional ou e-mail às vezes para enviar suas atividades. A turma B foi a que mais disse ter complementado com outras fontes de pesquisa a realização de suas atividades e a que mais afirmou ter cumprido os prazos estabelecidos para a entrega de atividades.

Sobre os alunos do 7º ano, a entrega de atividades no portal ficou com uma média superior a 85% de uso. Sobre a entrega de atividades pelo WhatsApp ou por e-mail, a turma que mais afirmou ter utilizado esses meios foi a turma A, que também foi a turma que mais utilizou outras fontes de pesquisa além do livro didático. As duas turmas que mais cumpriram os prazos na entrega de atividades foram A e B.

Figura 2: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item envio de atividades do 7º ano A



Fonte: A autora, 2020.

Os alunos do 8º ano utilizaram o portal em média 83,75% para devolutiva das suas atividades. Os alunos que enviaram suas atividades pelo WhatsApp ou por e-mail correspondem a 58,61% (às vezes). Aqueles que mais utilizaram outras fontes além do livro didático foi a turma A e a turma B foi a que mais afirmou ter cumprido os prazos de entrega das atividades.

Com um total de 86,4%, a média de alunos que utilizaram o portal como fonte de devolução de suas atividades ficou elevada nas três turmas do 9º ano. A turma A foi a que mais utilizou-se de outras possibilidades de devolução, como o Whatsapp e o e-mail. A turma B foi a que mais utilizou outras fontes de pesquisa além do livro didático e nas três turmas, a maioria dos alunos afirmou às vezes ter cumprido os prazos de entrega das atividades.

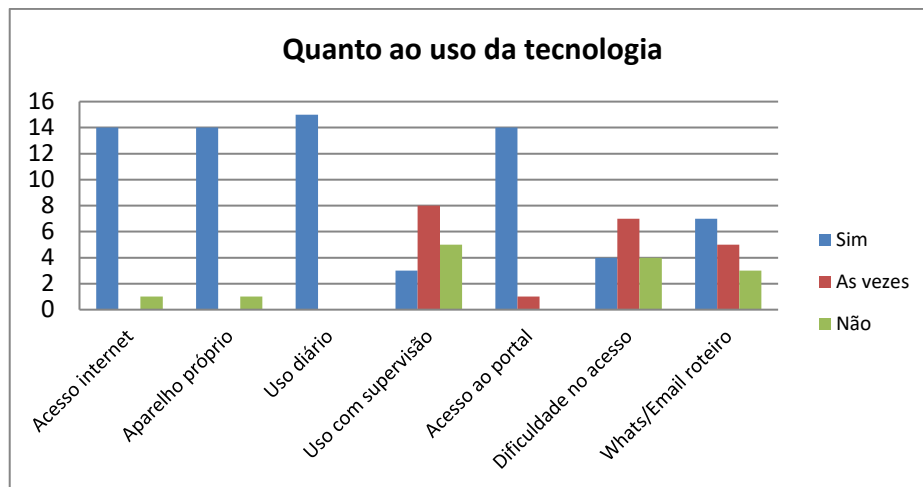
Quanto ao uso da tecnologia

Nas turmas do 6º ano, o acesso à internet foi favorável à maior parte dos alunos nas turmas A e C. A média de alunos com um aparelho disponível diariamente para acompanhar as aulas e realizar suas atividades foi alta entre as três turmas: 87,06%. O nível de dificuldade apresentado para acessar o portal educacional também foi elevado nas três turmas, atingindo 100% das respostas na turma A.

Nas turmas de 7º ano, a média de alunos com acesso à internet para acompanhar as atividades em ensino remoto foi de 86,35%. A quantidade de alunos nas três turmas que tiveram acesso às aulas por meio de um aparelho de uso individual, ficou em torno de 88,91%. Entre os alunos que apresentaram dificuldades em acessar o portal educacional, apenas a turma A indicou uma porcentagem mais elevada, com 90%.

Nos 8º anos, 86,11% dos alunos teve acesso à internet para acompanhar aulas e atividades. Sobre o acesso a um aparelho individual para as aulas, a média das três turmas foi de 97,77%. Quanto à dificuldade em acessar o portal educacional, a média nas turmas A e C é superior a 90%.

Sobre os 9º anos, a turma com menor quantidade de alunos com acesso à internet é a turma A (aproximadamente 60%). Os alunos com acesso a um equipamento eletrônico disponível para acompanhar as aulas e atividades é superior a 75% em todas as turmas, mas a turma com maior porcentagem é a turma B. Quanto às dificuldades de acesso ao portal, todos os alunos afirmaram ter tido dificuldades, com uma média entre as três turmas de superior a 90%.

Figura 3: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item uso de tecnologia do 8º ano A

Fonte: A autora, 2020.

Quanto ao contato com os professores

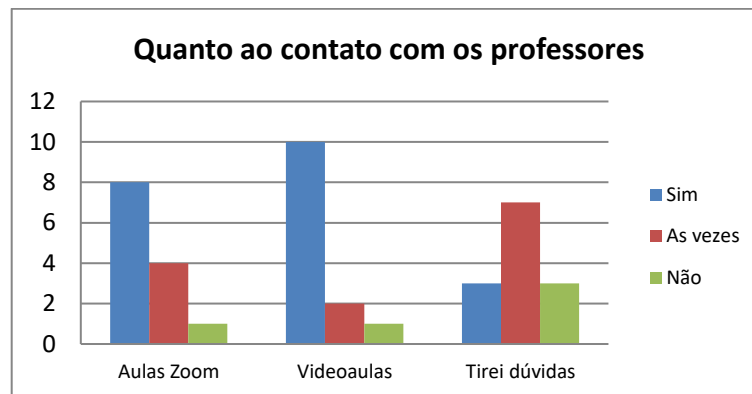
Nas turmas de 6º ano, a maior participação dos alunos em aulas síncronas ocorreu na turma A. Para os momentos assíncronos, com a metodologia das videoaulas, a maior participação ocorreu pela turma C, podendo-se identificar que a turma que mais participou dos momentos síncronos foi a que menos participou dos assíncronos. A quantidade de alunos nas turmas que aproveitou os momentos para tirar dúvidas foi baixo, tendo a maior porcentagem na turma A e a menor, na turma C.

Entre os alunos do 7º ano, a turma que menos afirmou ter participado de aulas síncronas via Zoom foi o 7º ano B, com porcentagem inferior a 40%. Quanto ao acompanhamento das aulas assíncronas por meio das videoaulas, a porcentagem passou pouco dos 60% nas três turmas, sendo novamente a turma B a que teve menor índice de participação. As três turmas também tiveram pouco protagonismo no que se refere à participação nas aulas através do momento de tira-dúvidas, ficando em torno de 50%.

No 8º ano, a turma que mais participou das aulas síncronas foi a turma C, sendo também a turma que mais acompanhou as videoaulas nos momentos assíncronos. A quantidade de alunos que mais tiraram dúvidas com os professores foi também a turma C, mesmo assim a média das três turmas não alcançou os 60% de respostas positivas.

O índice de participação dos alunos do 9º ano nas aulas síncronas foi de mediano a elevado, com a turma do 9º A com a mais baixa participação 33,33%. A turma que mais correspondeu assistindo às videoaulas assíncronas foi a turma B. E a turma que mais tirou dúvidas com os professores foi a turma B.

Figura 4: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item uso de tecnologia do 9º ano B



Fonte: A autora, 2020.

Quanto ao Aprendizado

Os alunos do 6º ano se sentiram capazes de aprender coisas novas em ensino remoto, com uma média de 53,47% de respostas sim. Sobre o desenvolvimento de novas habilidades com o portal educacional, a média foi um pouco maior (55,92%), com a turma A com maior quantidade de respostas Sim. Em relação ao acompanhamento responsável das aulas e roteiros de estudos, a turma B teve a maior quantidade de respostas favoráveis, com 78,95% de respostas Sim.

Em relação ao 7º ano, a média de alunos que disse ter aprendido algo novo mesmo em ensino remoto foi de 57,55% entre as três turmas. Sobre adquirir novas habilidades utilizando o portal educacional, 30% da turma A respondeu que não e a turma que mais respondeu sim foi a turma B, com mais de 70% de alunos. Sobre as aulas e roteiro, houve uma elevação da média, que ficou em 69,71% de alunos nas três turmas que fizeram esse acompanhamento de forma responsável.

Alunos do 8º ano afirmaram que apenas às vezes aprenderam coisas novas em aulas remotas, com média (das três turmas) de 50,27%. Sobre terem adquirido novas habilidades ao utilizar o portal educacional, a turma que mais expressou essa percepção foi a turma C. O nível de acompanhamento responsável das aulas e

roteiros de estudos também foi baixo, com média de 51,11% de respostas no item às vezes, nas três turmas.

No 9º ano, 41,67% da turma A responderam que não aprenderam, e nas outras turmas a maioria disse ter aprendido apenas às vezes. Sobre novas habilidades a partir do uso do portal educacional 58,33% dos alunos da turma A responderam não ter aprendido novas habilidades e na turma C, o maior índice de aprendizado foi citado. Sobre o acompanhamento das aulas e roteiros, a turma mais expressiva nessas respostas foi a A, com 75% de respostas positivas.

- Respostas dos alunos do Ensino Médio

Como o roteiro de autoavaliação para o ensino médio foi o mesmo utilizado no ensino fundamental, as devidas explicações prévias foram realizadas no item 4.1.2.

A seguir, tem-se a compilação dos dados referentes às respostas e impressões dos alunos desse nível de ensino quanto aos subitens: roteiro de estudos, envio de atividades, uso da tecnologia, contato com os professores e aprendizado.

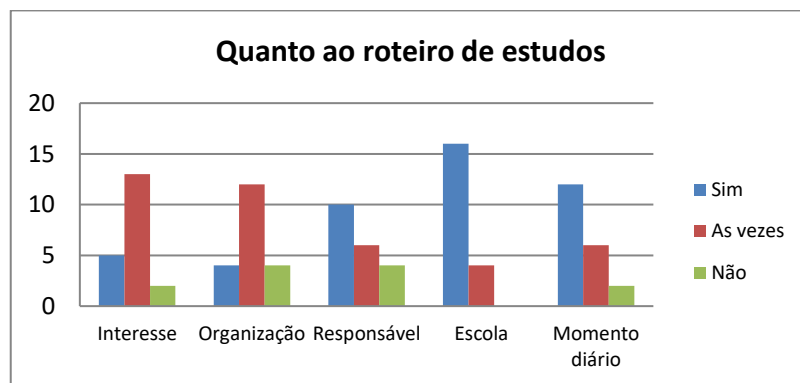
Quanto ao roteiro de estudos

A turma do 1º ano que mais disse ter se interessado pelos conteúdos propostos nas aulas remotas foi a turma A (65%) e também os mais organizados no acompanhamento das atividades (60%). A média de alunos que receberam orientações dos pais em ambas as turmas foi de 48,81%, enquanto a média dos que disseram ter recebido orientações da escola foi de 82,85%.

No 2º ano, os alunos da turma A se declararam mais interessados pelos conteúdos. Quanto à organização para os estudos, ambas as turmas responderam ter sido organizados às vezes, com maior quantidade de respostas na turma B. Sobre ter recebido orientação dos pais e da escola, a turma A obteve o maior número de respostas. E em relação a ter se dedicado diariamente aos estudos, a turma B obteve maior número de respostas, no entanto a variável mais escolhida foi às vezes.

No 3º ano, sobre ter demonstrado interesse pelos conteúdos propostos, a turma B apontou esse maior interesse, mas apenas às vezes. 60% dos alunos da turma A se declarou organizado para acompanhar as aulas. Quanto a ter recebido orientações sobre as aulas dos pais e do colégio, o 3º ano A apresentou o mais alto índice de respostas sim em ambas as situações. Sobre o momento diário de estudos, a turma que mais afirmou ter se dedicado diariamente aos estudos foi o 3º ano B.

Figura 5: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item roteiro de estudos do 1º ano A



Fonte: A autora, 2020.

Quanto ao envio de atividades

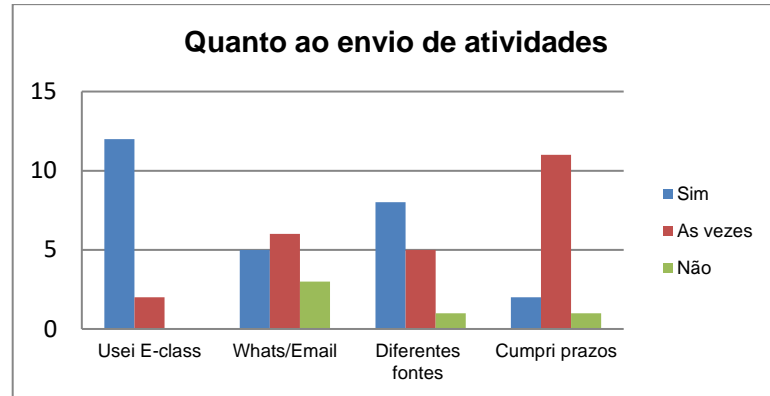
Nas turmas de 1º ano, o maior índice de envio de atividades para correção foi na turma B. Aproximadamente 50% das duas turmas afirmou ter enviado suas atividades às vezes por WhatsApp e e-mail. A turma A foi a que mais utilizou outras fontes de pesquisa para realizar suas atividades e, os alunos da turma A foram os mais pontuais na entrega de atividades.

Nas turmas de 2º ano, 100% dos alunos da turma A declarou ter enviado suas atividades por meio do portal educacional. Quando houve necessidade, uma média de 40% dos alunos de ambas as turmas fizeram o envio através de WhatsApp ou e-mail. A turma que mais utilizou outras fontes de pesquisas para complementar suas atividades foi o 2º ano B e essa também é a turma onde a maior parte dos alunos se declarou pontual na entrega de atividades escolares.

Nas turmas de 3º ano, a média de 80% dos alunos conseguiu enviar suas atividades via portal educacional. A turma A foi a que mais enviou atividades por outros meios, como WhatsApp ou e-mail. A turma B foi a que mais utilizou outras

fontes de pesquisa além do material didático e na turma A está a maior quantidade de alunos que se declararam pontuais na entrega de atividades.

Figura 6: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item envio de atividades do 2º ano B



Fonte: A autora, 2020.

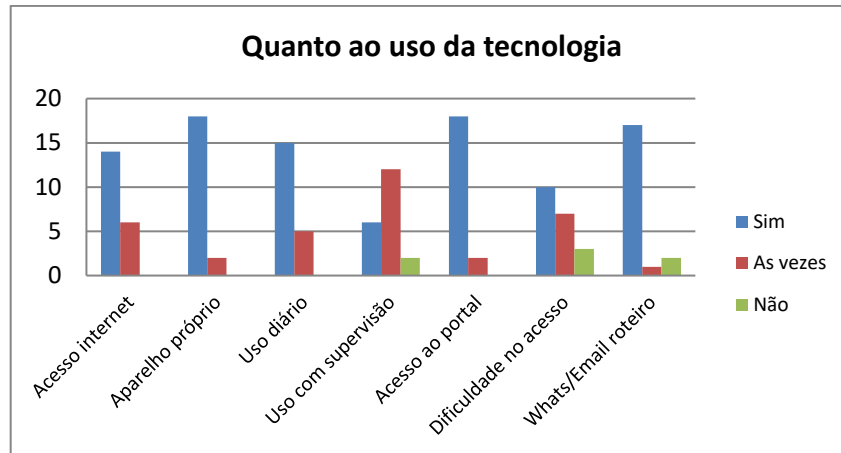
Quanto ao uso da tecnologia

No 1º ano, uma média de 85% dos alunos das turmas A e B responderam ter tido acesso à internet para acompanhar as aulas. Sobre ter um equipamento eletrônico à disposição para as aulas diariamente, a média nas duas turmas foi superior a 90%. Em média 53% dos alunos das duas turmas afirmaram ter tido dificuldade em acessar o portal educacional.

No 2º ano, a turma B foi onde os alunos mais tiveram acesso à internet, mas a média entre as duas também foi elevada. Em ambas as turmas, 100% dos alunos afirmaram ter um equipamento eletrônico de uso diário para acompanhar as aulas e atividades. Sobre dificuldades em acessar o portal, a turma com menos dificuldade foi a turma A.

No 3º ano, a média de alunos com acesso à internet nas duas turmas foi de 73%. Quanto ao equipamento eletrônico de uso individual e diário, 92% dos alunos responderam sim, nas duas turmas. E em relação às dificuldades para acessar o portal, 52% de alunos nas duas turmas responderam positivamente.

Figura 7: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item uso de tecnologia do 3º ano A

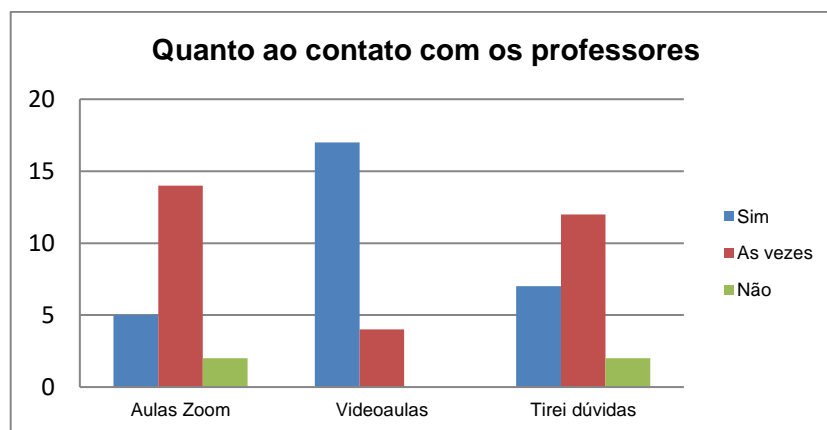


Fonte: A autora, 2020.

Quanto ao contato com os professores

No 1º ano, em média 63% dos alunos nas duas turmas responderam ter participado das aulas síncronas via Zoom, mas apenas às vezes. Sobre terem assistido às videoaulas propostas, a turma B apresentou o maior índice de alunos que declararam ter feito uso desse recurso. 58% dos alunos afirmou ter tirado dúvidas com seus professores.

Figura 8: Gráfico sobre as respostas dos alunos quanto ao item contato com os professores do 1º ano B



Fonte: A autora, 2020.

No 2º ano, a turma B foi a que mais participou das aulas síncronas via Zoom, com quase o dobro do índice da turma A. A média de 52% dos alunos das duas turmas aproveitaram o recurso das videoaulas propostas. A turma A foi a que

afirmou ter tirado dúvidas com seus professores, com quase o dobro de respostas da turma B.

No 3º ano, a turma A respondeu que a maioria dos alunos não participou das aulas síncronas via Zoom, ao contrário da turma B. A turma que mais afirmou ter utilizado o recurso das videoaulas foi a turma B, que também foi a turma que mais afirmou ter tirado dúvidas com seus professores.

Quanto ao Aprendizado

Nas turmas do 1º ano, a média de alunos que declararam ter aprendido novos conteúdos mesmo estudando em casa foi de 48%. A turma B foi a que mais afirmou ter desenvolvido novas habilidades com o uso do portal educacional. Sobre o acompanhamento adequado das aulas e roteiros, nas duas turmas o índice foi de 60%.

Nos 2º anos, 45% das duas turmas afirmaram ter aprendido coisas novas mesmo estudando em casa. A média dos alunos que afirmaram ter desenvolvido novas habilidades com o uso do portal ficou em 47%. A turma que mais acompanhou adequadamente as aulas e roteiros de estudo foi a turma A.

No 3º ano, 52% dos alunos das turmas A e B afirmaram ter aprendido coisas novas estudando em casa. Sobre novas habilidades desenvolvidas com o uso do portal educacional, o maior número de respostas da turma A foi de alunos que disseram não ter aprendido novas habilidades. Foi também a turma A que mais disse ter acompanhado adequadamente as aulas e roteiros de estudos.

4.1.3 Considerações e impressões acerca da autoavaliação dos alunos

Apesar das respostas dos alunos na autoavaliação terem sido citadas no item anterior, ao ser composta por questões fechadas, sabe-se que muita coisa pode ficar nas entrelinhas. Nesse sentido, conversando com algumas turmas, foi citada a necessidade de escreverem sobre suas impressões e sentimentos a respeito sobre as aulas no período remoto, a fim de complementar essa pesquisa.

Em relação aos roteiros de estudos, esses instrumentos pedagógicos eram preparados pelos professores até a terça-feira de cada semana e enviados à coordenação para organização das informações em uma tabela única por turma,

para que assim pudessem ser enviados no grupo de WhatsApp de cada turma até o final da semana.

Mesmo sendo disponibilizados com a devida antecedência e contendo informações importantes sobre as aulas, atividades e até mesmo os horários semanais das aulas, pela prática percebeu-se que boa parte dos alunos infelizmente não faziam uso adequado do roteiro de estudos para sua organização semanal e para manter uma participação mais satisfatória nas aulas.

No que diz respeito às orientações por parte dos pais ou responsáveis, a maior quantidade de respostas positivas nesse sentido foi das turmas menores, como 6° e 7° ano, e todas as turmas reconhecem a maior parte das orientações quanto aos estudos partindo do próprio colégio.

Quanto à dedicação para os estudos em um momento diário, essa questão é trabalhada pela escola há anos com seu corpo docente, na tentativa de estabelecer uma rotina de estudos individuais, realização de atividades de fixação e anotação em relação às possíveis dúvidas nas aulas do dia ou na execução das atividades.

Claro que com o decorrer da pandemia, a rotina foi extremamente afetada pela nova situação vivida, sendo que em geral, a maior parte da turma conseguiu se manter ativa enquanto que uma média de menos de cinco alunos de cada turma, por exemplo, não conseguia nem assistir às aulas remotas diariamente por questões de saúde ou de conectividade (sem aparelho eletrônico disponível, sem conexão de internet, isolamento em área rural entre outras questões).

Ainda com todas essas dificuldades, foi possível perceber a evolução de alguns alunos que apresentaram melhora significativa quanto à dedicação pessoal aos estudos: faziam todas as atividades propostas, participavam das aulas síncronas pelo Zoom, com câmeras ligadas, comentando e perguntando nas aulas remotas como nunca havia ocorrido antes nas aulas presenciais. Infelizmente o inverso também ocorreu, com alunos que tinham uma postura excelente em sala de aula, mas que no período remoto não conseguiram manter o mesmo nível de organização e participação.

As aulas pelo aplicativo Zoom foram uma novidade que perceptivelmente agradou muito mais os alunos das séries do ensino fundamental de menor faixa etária: eles perguntavam repetidamente no grupo se a aula seria pelo Zoom para verem os colegas e interagirem do modo mais "presencial possível". em contrapartida, os mais juvenis e adolescentes a partir do 9° ano ao ensino médio,

era uma tortura ter que comparecer e ligar as câmeras para participar das aulas, especialmente no turno matutino, com início das aulas pontualmente às 7h.

Neste ano de 2021, para os alunos novatos as aulas pelo Zoom eram a oportunidade de conhecer professores e colegas de classe, alguns estavam extremamente ansiosos pelo retorno das aulas presenciais para que enfim, pudessem vivenciar o ambiente escolar e conhecer de fato seus novos colegas de classe que a segunda onda da pandemia não havia permitido conhecer em janeiro, quando novamente retornamos às aulas de modo remoto.

Quanto ao envio de atividades, inicialmente os alunos apresentaram dificuldades para acessar o portal educacional, pois isso dependia do cadastro de um e-mail e senha, e a maioria deles não possuía endereço de e-mail (especialmente os alunos do ensino fundamental) e alguns possuíam, mas não utilizavam.

Quem habitualmente fazia uso de outros aplicativos não apresentou tantas dificuldades, mas houve uma parcela de alunos que não utilizava nem aparelho celular com frequência e isso dificultou muito a necessidade diária de acessar o portal para registrar presença, acompanhar e concluir as aulas e também fazer a devolutiva de suas atividades diárias para correção.

No que diz respeito a este item da entrega de atividades, registrou-se as seguintes frases dos alunos: *"Minha maior dificuldade foi postar as atividades no dia certo"* (aluno do 6º ano); *"Com o (portal) eu tinha noção do que estava atrasado e o que já tinha sido entregue"* (aluno do 8º ano); *"Aprendi rápido a salvar em PDF e postar as atividades"* (aluno do 7º ano); *"Creio que não tive nenhuma dificuldade, apenas preguiça de fazer as tarefas"* (aluna do 9º ano).

Destaca-se aqui duas das maiores dificuldades apresentadas pelos alunos em geral que foram: manter-se organizado e estar estimulado para realizar suas atividades cotidianas no portal. E um ponto positivo destacado é que o portal informava aos alunos as aulas que estavam pendentes de envio de atividades ou de conclusão para registro da presença, o que os auxiliava para manterem uma organização.

No ensino médio, as falas dos alunos se direcionaram mais à sua visão em relação ao portal educacional, como pode-se perceber nas transcrições a seguir: *"O portal facilitou a nossa vida durante as aulas online (sic) por causa da pandemia"* (aluno do 1º ano EM); *"É prático de entregar as atividades"* (aluno do 2º ano EM);

"Muito bom, muito prático (o portal) e mostra as atividades atrasadas" (aluna do 3º ano EM).

Os alunos assinalaram a praticidade do portal educacional e o quanto ele facilitou a entrega de atividades e avaliações no período de ensino remoto. Vale destacar que muitos utilizaram a ferramenta de atividades pendentes do portal, que ele sinaliza a data em que o aluno fez postagem com a devolutiva da atividade. Se a data da postagem for posterior à data limite estabelecida pelo professor, ela fica na cor vermelho, sendo utilizada também como um critério de avaliação da pontualidade dos alunos no acompanhamento das aulas e entrega de atividades.

Outra pergunta da autoavaliação questionava os alunos sobre a devolutiva de atividades para correção ter sido feita por outras ferramentas como o WhatsApp e o e-mail, e houve alunos que realmente enviavam por esses meios como uma medida emergencial em casos de problema como o acesso ao portal, atualização do mesmo e ainda, no caso de alguma correção solicitada pelo professor (com o prazo de entrega da atividade encerrado no portal, o aluno não tinha mais a opção de editá-la).

Em relação ao uso da tecnologia, muitos alunos tiveram dificuldades especialmente em três aspectos: ter um equipamento eletrônico diariamente (celular, tablet ou computador) para assistir às aulas, ter conexão de internet para participar das aulas (acessando WhatsApp, portal educacional e YouTube) e para postar suas atividades no portal educacional.

Alguns alunos opinaram sobre sua maior dificuldade nesse quesito: *"Minha maior dificuldade era a internet para enviar as atividades"* (aluno do 6º ano); *"Ficava nervoso quando aparecia 'memória cheia' no meu celular"* (aluno do 7º ano); *"Uma das minhas principais dificuldades foi descobrir todas as ferramentas que eu tenho disponível (sic)"* (aluno do 8º ano); *"Eu não sabia como postar pelo celular ou tablet, eu não sabia como usar"* (aluno do 9º ano).

Apesar de ser uma escola da rede privada, ao contrário do que muitos podem pensar, vários alunos relataram dificuldades no acesso à internet por motivos financeiros especialmente após a pandemia em famílias onde a principal renda vinha de atividades autônomas. Neste caso, a internet passou a ser um gasto que algumas famílias ficaram sem condições de arcar, prejudicando assim o acompanhamento de aulas e atividades.

Outro relato de alguns alunos nesse período foi de ter percebido a necessidade de contratar um serviço de internet mais veloz, para poder acompanhar as aulas on-line e assistir às videoaulas. Alguns deles relatavam ainda não ter essa possibilidade, conseguindo assistir aulas na casa de algum parente (avós, tios e até colegas de classe) porém outros, que se isolaram em sítios ou municípios do interior do estado tiveram que resolver as questões de notas e atividades do bimestre pendente apenas quando retornaram ao período de ensino híbrido.

Quanto ao relato sobre o uso da tecnologia no ensino médio, destacam-se algumas falas dos alunos: *"Minha maior dificuldade foi aprender algumas funções com os erros que aconteciam no meu (portal)"* (aluno do 1º ano EM); *"Na prova online podemos ver o resultado na hora"* (aluna do 2º ano EM); *"O portal foi considerado a melhor plataforma e é fácil de usar"* (aluna do 3º ano EM).

A partir disso, percebe-se que os alunos identificaram pontos positivos a partir da utilização do portal educacional mesmo com algumas dificuldades apresentadas pelo sistema, e essas dificuldades foram sendo sanadas ao longo da utilização diária do mesmo.

No início do processo, o uso do portal educacional gerou alguns transtornos, como era de se esperar sendo tudo muito novo. Alguns alunos tiveram problemas para criar login e senha, em alguns momentos se fazia necessário que o sistema passasse por atualizações e o mesmo ficava fora do ar, o que gerava transtorno no acesso e uma enxurrada de mensagens no grupo da turma ou ainda no WhatsApp privado dos professores para receber atividades.

Outro erro que ocorreu bem no início gerando confusão no uso do portal educacional e que foi relatado por eles neste quesito foi que um aluno postava sua atividade e a mesma aparecia para o professor na correção como sendo de outro aluno da mesma turma. Sendo identificado e repassado ao setor responsável, foi prontamente resolvido. Vale destacar que a equipe pedagógica designou pessoas responsáveis para auxiliá-los com todos os ajustes que se fizeram necessários no período remoto, e posteriormente quando retornamos ao sistema híbrido, atendendo até mesmo na biblioteca do colégio aqueles alunos com dificuldades para fazer tais ajustes em casa.

Um problema ainda relacionado à tecnologia ocorreu quanto a ter um equipamento eletrônico próprio para acompanhar as aulas. No entanto, entre as várias turmas analisadas, havia uma média inferior a cinco alunos por turma que não

tinham nenhum equipamento disponível, não possuíam conexão de internet ou que não tinham nenhum ou pouquíssimo contato com a tecnologia estando totalmente dependentes da ajuda de algum responsável. Houve ainda casos de alunos que precisavam esperar os pais chegarem do trabalho para repor as aulas e atividades do dia, por ter um único aparelho eletrônico em casa.

Assim também, os alunos com necessidades especiais de aprendizagem precisavam do efetivo acompanhamento de um responsável e do colégio, na pessoa da Orientação Educacional, que acompanhou com maior cuidado cada caso e preparou material de apoio diferenciado para aqueles com maiores dificuldades para acompanhar as aulas remotas e pelo Zoom.

Sobre o contato com os professores, a pandemia conseguiu evidenciar mais uma vez a importância dos professores, pois na concepção da maioria dos pais e dos alunos, o contato diário com os professores a exemplo do que ocorria no sistema presencial foi considerado imprescindível e insubstituível.

Alguns alunos deixaram isso claro através de suas falas, registradas a seguir: *"Gostei por estar no conforto de casa, mais (sic) eu sinto a falta dos professores nos incentivando"* (aluna do 6º ano); *"Mais ou menos (sic) pois eu não conseguia explicar direito a minha pergunta"* (aluno do 7º ano); *"Não gostei, pois não é a mesma coisa, você fica longe dos professores e as explicações ficam difíceis"* (aluna do 8º ano); *"Um ponto positivo foram as aulas gravadas e as aulas pelo Zoom"* (aluno do 9º ano).

Muitos não conseguiram se adaptar ao período remoto, especialmente por não terem autonomia e foco para se manter em dia com os conteúdos e atividades propostas a cada roteiro semanal. Esse sistema demanda além dessas características citadas, outra de extrema importância que é a organização.

A organização é uma habilidade que alguns alunos conseguem ter quase que naturalmente, alguns outros trabalham duro até conseguir ter e outros ainda, mesmo se esforçando não conseguem (independente da faixa etária, levando-se em consideração que os alunos de 6º ano do ensino fundamental II e do 1º ano do ensino médio estão em uma fase de adaptação a realidades diferentes dos anos anteriores).

O contato com os professores era diário, pois mesmo tendo o portal educacional para que os alunos acessassem o que estava programado para o seu horário de aulas, fizemos uso do WhatsApp para fazer a chamada, direcionar as

atividades, enviar materiais e cumprir os horários de aulas com os alunos (cada aula com 45 minutos).

Neste tempo de aula, às vezes tempos geminados, o contato entre professores e alunos se dava por alguns momentos como as aulas síncronas pelo Zoom, aulas assíncronas com o direcionamento ocorrendo pelo WhatsApp e videoaulas autorais ou não, além de momentos em que os alunos podiam tirar dúvidas durante as aulas.

A maior parte dos alunos achava que as explicações por meio de videoaulas não eram suficientes, mas essa era a forma de atingir aqueles alunos que não tinham condições de assistir às aulas pelo aplicativo Zoom. Em muitos dos momentos de aulas para tirar as dúvidas, os alunos tinham vergonha de enviar dúvidas no grupo. Alguns não enviavam ou as enviavam no privado, esse último grupo era muito reduzido.

Um dos alunos cuja fala foi transcrita acima, disse que não sabia nem como se fazer entender com sua dúvida, então nem enviavam nada aos professores. Outra aluna do 8º ano disse que distante dos professores, as explicações ficavam mais difíceis, demonstrando uma possível insegurança ou falta de autonomia, enquanto um aluno do 9º ano afirmou serem positivas tanto as aulas zoom quanto as aulas gravadas, ou seja, para ele ambos os momentos eram capazes de sanar suas dúvidas e permitir que o aprendizado acontecesse.

Quanto aos relatos de alunos do ensino médio, eles destacaram o seguinte: *"Gostei de estudar em casa porque depois da explicação eu pesquisava mais ainda sobre o assunto explicado pelo professor"* (aluno do 1º ano EM); *"Não gostei. Pois toda vez que eu fico em casa precisam de mim"* (aluno do 2º ano EM); *"Não gostei (sic) pois não conseguia acessar o Zoom e ter que ver no Youtube as explicações"* (aluno do 3º ano EM).

Interessante perceber o empenho de alguns alunos no sentido de complementarem seus estudos com pesquisas posteriores à explicação do professor. Por outro lado, os demais alunos relatam a dificuldade de realizar as aulas de casa por conta de sempre estar atendendo a outras demandas familiares. Outra situação foi a impossibilidade de assistir às aulas síncronas com os demais colegas, tendo que assistir videoaulas do Youtube.

Perceptível a importância da explicação e acompanhamento das aulas pelos professores com seus alunos. Temos muitos alunos fidelizados no colégio, dessa

forma a relação de anos estudando juntos faz com que os alunos se sintam inseguros em não nos ver e em assistir explicações não autorais de seus professores. Vários deles comentaram aleatoriamente sentir falta das explicações e de momentos como os da sala de aula em tempos anteriores à pandemia.

No que diz respeito ao aprendizado, de acordo com o que foi assinalado pelos alunos na autoavaliação, a média de aprendizagem adquirida em ensino remoto nas turmas de ensino fundamental foi de 54,90%. Essa é uma variável difícil de mensurar, pois estamos lidando com um público composto por alunos com características de aprendizagem diferentes num momento atípico do ensino que foi o ensino remoto por conta da pandemia.

Algumas das colocações dos alunos acerca da experiência de estudar de casa, precisar desenvolver autonomia e ter mais organização e responsabilidade com seus estudos e atividades escolares: *"Gostei de estudar em casa porque eu não precisava acordar tão cedo pra estudar"* (aluno do 6º ano); *"Sim. Trouxe uma responsabilidade e um cuidado com o estudo"* (aluna do 7º ano); *"Gostei porque com o portal era um novo jeito de estudar, mas com o tempo a aula online ficou entediante"* (aluno do 8º ano); *"Não gostei de estudar de casa. É muito difícil de absorver os assuntos, fora que tem muitas distrações"* (aluno do 9º ano).

Importante pontuar que sempre mantivemos o horário de entrada (neste caso, no grupo de WhatsApp) às 7h, com tolerância de 5 minutos para a chamada. Como ela ocorria após o momento devocional, esse processo de entrada poderia se dar até mais ou menos 7:15h. Então quem não acordava no horário em que sempre ocorreram as aulas para participar delas, agora em período remoto, geralmente as acompanhava apenas pelo portal educacional, sem as devidas orientações e participação para tirar dúvidas pelo grupo da turma.

Interessante uma aluna de 7º ano destacar que o ensino remoto lhe trouxe mais responsabilidade e cuidado com os estudos e o interesse inicial do aluno do 8º ano em relação a essa nova forma de estudar, com o portal e suas funções. No entanto, ele faz uma crítica às aulas terem se tornado entediante com o tempo... Não é possível deixar de ressaltar, por outro lado, o esforço hercúleo dos professores, o desgaste em preparar tudo para as aulas on-line e muitas vezes perceber o desinteresse dos alunos em participar ou em ligar suas câmeras nas aulas. Não foi fácil para nenhuma das partes envolvidas: para alunos, pais e professores... mas foi emergencial e necessário.

Não menos importante o comentário da aluna do 9º ano refletia o que muitos alunos compartilharam em suas respostas: muitos disseram não ter gostado de estudar de casa no período remoto por acharem mais difícil de aprender e ter tido muitas distrações, especialmente distrações ligadas ao uso de jogos e redes sociais.

A respeito deste item das distrações, ao serem questionados sobre o uso de jogos ou redes sociais durante as aulas, a maior parte deles respondeu que fez uso dos mesmos às vezes ou sempre, pois estando com o celular ou no computador, essas distrações estavam a um clique do seu alcance. Pouquíssimos alunos responderam que não faziam uso dessas distrações nunca, isso porque estavam sempre acompanhados de um responsável.

Algumas falas chamam a atenção e podemos destacar as seguintes: "*Nunca (sic) minha mãe não deixa*" (aluno do 6º ano); "*Nunca, principalmente porque eu não tenho não uso e não gosto*" (aluno do 7º ano); "*Sempre, toda vez que eu vejo (sic) uma oportunidade, eu utilizava alguma rede social*" (aluna do 8º ano); "*Sempre, todo dia, toda hora, todo segundo*" (aluna do 9º ano);

Foi perceptível que aqueles alunos que estavam sempre acompanhados dos responsáveis acabavam se mantendo mais atentos e focados ao que estava sendo proposto pelos professores, pela cobrança. No entanto, alunos que ficavam sozinhos em casa ou sem acompanhamento durante as aulas, acabavam vendo nessa situação a oportunidade para se distrair.

Alguns outros alunos que afirmaram ter gostado de estudar no modo remoto afirmaram que: "*Sim, porque me deixou mais seguro em relação a minha vida acadêmica*"; "*Sim, porque em casa tenho um canto só meu para estudar e fazer tarefa*"; "*Sim, porque é bem mais calmo e fácil de raciocinar*" (alunos do 8º ano).

Foi muito interessante encontrar tais relatos entre alunos de 12 a 14 anos de idade: segurança e calma em relação a seus estudos diante de uma realidade pandêmica. Outro relato sobre ter seu próprio cantinho de estudos e valorizar esse espaço para a qualidade de seus estudos, demonstra a importância do acompanhamento e direcionamento da família para o sucesso da vida escolar.

Ainda sobre o aprendizado de novas habilidades a partir do uso do portal educacional, a maior parte dos alunos relatou ter aprendido a transformar arquivos de Word e fotos para PDF, ter mais cuidado ao fazer fotos para postar, de modo que ficassem legíveis e centralizadas, facilitando assim a correção. Outras respostas foram sobre aprender a fazer trabalhos digitados, usar Word e Power Point e

aprender a postar as atividades, esta última entre os alunos de menor faixa etária ou ainda alunos maiores que não fazem uso de redes sociais ou aplicativos com funções semelhantes.

No que diz respeito ao aprendizado nas turmas do ensino médio, a média de 48,33% dos alunos respondentes afirmaram ter conseguido aprender algum conteúdo novo durante o período de ensino remoto. Em suas falas, eles afirmam que: *"Aprendi a procurar sites que me ajudam com o (portal) e as atividades"* (aluno do 1º ano); *"Não tive dificuldade, tive bastante ajuda aliás enviavam vários vídeos explicando como funciona"* (sic) (aluno do 2º ano); *"As notas subiram"* (aluna do 3º ano EM).

Vale destacar aqui a angústia dos alunos do 3º ano do ensino médio, um ano decisivo e de extrema importância para eles que estavam cheios de metas para o último ano escolar, que tinha tudo pra ser maravilhoso. Por ser seu último ano como estudantes do ensino regular, muitas expectativas são criadas também em torno dos eventos escolares, como jogos internos, viagem de formandos e a tão sonhada festa de formatura.

Ao citar as falas de duas alunas do 3º ano do ensino médio sobre suas impressões acerca do período de ensino remoto, percebe-se a preocupação que elas estavam sentindo: *"A falta de contato presencial com os professores me preocupava. Afinal, de forma online (sic), é difícil de se questionar e perguntar. Tinha uma incógnita no meu futuro"* (aluna do 3º ano EM). E ainda:

"Porque eu sempre sentia que não estava atingindo o máximo do meu potencial, por mais que me esforçasse; as interferências externas eram muito fortes e o sentimento era que eu estava deixando as oportunidades escaparem pelos meus dedos" (aluna L. M. do 3º ano EM).

Fica implícito nas falas dessas alunas que elas estavam passando por um momento de muita insegurança, se cobrando em relação à sua dedicação com os estudos e seu futuro profissional diante das incertezas que passamos em relação à pandemia. Se essas incertezas e angústias atingiram também a muitos de nós adultos, não poderíamos deixar de destacar que esses sentimentos também foram detectados nos alunos finalistas, que tem uma série de decisões a tomar em relação ao seu futuro, além das cobranças e expectativas do colégio e especialmente dos familiares sobre eles.

O último item da autoavaliação, sobre ter sido perseverante e não ter desistido mesmo diante das dificuldades que se apresentaram encontra-se o

seguinte panorama: das dezoito turmas avaliadas, em nove delas a maioria dos alunos respondeu que Sim, foram perseverantes e não desistiram. Em sete das turmas avaliadas, a maior parte dos alunos disse ter sido perseverante Às vezes, demonstrando possível alteração nos sentimentos ao longo do período remoto de estudos. Em apenas uma das turmas houve empate entre a maioria de respostas, que se igualaram nas variáveis sim e às vezes.

Algumas falas dos alunos sobre este item também foram solicitadas. Foram questionados sobre os sentimentos aos quais eles associavam o período que vivemos no ensino remoto, levando em conta a maioria dos dias de aula: angustiado e triste ou tranquilo e feliz, justificando sua resposta e aquelas mais marcantes estão destacadas a seguir.

Entre os alunos que responderam ter se sentido angustiados e tristes, as justificativas: *"Devido esse vírus, não poder ver meus amigos, tios e principalmente meus avôs e avós e não poder vir para a escola e ver os professores"* (aluna do 6º ano); *"Porque era muita coisa e tinha tarefa de casa e da escola para fazer. E senti saudades dos amigos"* (aluna do 7º ano); *"Por que não tive interação , nem um 'apoio' que costumava ter em sala"* (aluno do 8º ano); *"Eu queria conhecer a escola e fazer amigos"* (aluna do 9º ano); *"Pois tudo estava tão caótico"* (aluno do 1º ano EM); *"Por ter dificuldade em aprender e tirando notas baixas em muitas das matérias e muitas atividades para entregar"* (aluno do 2º ano EM); *"Não gosto de ficar em casa por maioria dos colegas (sic), mas o ambiente não era favorável para meu desenvolvimento acadêmico"* (aluno do 3º ano EM);

Percebe-se o quanto essa mudança mexeu com o emocional de nossas crianças e adolescentes nessa situação de pandemia e distanciamento social tão necessário. Vê-se a angústia tanto na questão familiar, como no relato do aluno do 6º ano, que não podia mais encontrar seus avós e seus professores.

Além disso, a aluna do 7º ano destaca o acúmulo de atividades escolares com as atividades do lar, que ela agora precisava realizar e o aluno do 2º ano EM destaca a quantidade de atividades e a dificuldade de deixar tudo em dia, se refletindo em queda nas suas notas. O aluno do 8º ano comenta sobre a falta de apoio que encontrava (apenas?) no ambiente escolar, bem como o aluno do 3º ano, que afirmou que sua casa não era ambiente propício para desenvolver seu acadêmico.

Aqui destaca-se um aspecto sério e importante que é o apoio dos pais em relação à vida escolar de seus filhos. Falas como essas citadas, nos trazem questões como o acúmulo de ocupações que os alunos tiveram por estarem estudando de casa, bem como a falta de apoio para ter seu local ou seu horário de estudo respeitado e valorizado.

A aluna do 9º ano, pode-se entender que é nova no colégio por desejar conhecer tanto esse ambiente quanto os colegas, com quem teve apenas contato on-line neste ano de 2021, que iniciou novamente em ensino remoto. E a situação caótica, citada pelo aluno do 1º ano EM, que nos lembra que foram momentos difíceis de adaptação e de conciliação, em um ensino que antes era restrito à sala de aula agora precisou se misturar com nossa vida particular e adentrar no ambiente particular.

Abaixo, destacam-se as falas de alguns alunos que conseguiram ver melhor o aspecto positivo desse período no qual precisamos ficar distantes do ambiente escolar e dos colegas de classe. Eles disseram ter se sentido tranquilos e felizes na maior parte dos dias que passaram em ensino remoto: *"Porque eu e minha irmã sempre procurava (sic) alguma coisa pra fazer e fiquei muito com a minha família"* (aluna do 6º ano); *"Pois eu não tenho pessoas para me atrapalhar"* (aluna do 8º ano); *"Porque estava dentro de casa seguro"* (aluno do 9º ano); *"Com a certeza de que tudo voltaria ao normal"* (aluna do 1º ano); *"Pois estava com minha família"* (aluna do 2º ano).

A partir disso, vemos que ainda houve esperança diante das dificuldades enfrentadas pelos alunos e suas famílias nessa fase, de primeira e segunda onda da pandemia, nos anos de 2020 e 2021. Estes que expuseram falas positivas, destacaram o quanto foi bom permanecer com seus pais e familiares por mais tempo, sem ser incomodados durante seus estudos e com a certeza que voltaríamos a uma situação de normalidade, nem que essa normalidade fosse diferente daquela à qual estávamos acostumados antes.

Diante dessa nova realidade imposta e das incertezas a partir da necessidade de fechar o colégio, o que poderia ser feito para otimizar o processo de aprendizagem? Sem dúvida, a busca por novas formas de proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa e atrativa, o que foi realizado a partir do uso de metodologias ativas.

No item a seguir, serão destacadas as atividades propostas aos alunos durante os ensinos remoto e híbrido, utilizando especialmente as novas tecnologias para o ensino de geografia.

4.2 Tentativas e possibilidades no ensino de geografia em 2020: ensino à distância e híbrido em colégio particular de Manaus

Neste item, destacam-se algumas das atividades que foram propostas aos alunos durante o período remoto, tendo sido utilizadas como estratégias de ensino-aprendizagem ao longo também das aulas presenciais e no retorno ao ensino híbrido neste ano de 2021.

Organizou-se aqui algumas das atividades propostas com o uso direto de tecnologia para a sua execução, neste caso, propôs-se o uso de aplicativos disponíveis tanto para celular quanto para computador e programas de computador, em geral, bem acessíveis para a comunidade escolar (pacote Office). Além de algumas atividades de produção manual, que também são metodologias ativas.

Tais atividades e estratégias podem ser entendidas como metodologias ativas de aprendizagem, que são aquelas onde o aluno tem maior protagonismo e participação no processo de ensino e aprendizagem, seja de forma manual ou ainda com o uso direto da tecnologia para sua execução. Ressalva-se que de acordo com Camargo (2018), com as metodologias ativas de aprendizagem os alunos figuram como protagonistas de seu aprendizado, atuando de forma ativa em atividades interativas de modo a aprender e colaborar com os demais colegas.

Nesse sentido, as mudanças e inovações tecnológicas na educação são além de atrativas, necessárias ao colocar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, atendendo a seus anseios e necessidades decorrentes do estilo de vida cada vez mais ligado ao uso de tecnologias.

De acordo com Miranda (2016, p. 21) o trabalho pedagógico necessita ser mais criativo e favorecer aprendizagens significativas aos alunos, fazendo sentido a eles sua produção.

No entanto, Camargo (2018) faz uma ressalva importante: aprendizagem ativa não necessariamente pressupõe o uso de tecnologias, pois ainda acontece muito na educação de o professor centralizar o uso de um determinado equipamento ou recurso tecnológico em suas aulas.

Dito isso, vale lembrar com base em Moran (2018) que toda e qualquer atividade em que o estudante seja autor e participe de sua aprendizagem se classifica como metodologia ativa e não pressupõe o uso de meios tecnológicos para tanto.

Como o autor supracitado afirma:

A aprendizagem mais profunda requer espaços de prática frequentes (aprender fazendo) e de ambientes ricos em oportunidades. Por isso é importante o estímulo multissensorial e a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes para 'ancorar' os novos conhecimentos (MORAN, 2018, p. 3).

Sobre este tema, Cortelazzo et al (2018, p. 99) contribui afirmando que não se pode deixar de lado o fato de que as tecnologias são meios de fazer acontecer diversas formas de aprendizagem.

Portanto, quando o professor julgar necessário ou existir um objetivo que se adeque às necessidades e à realidade de aprendizagem daquela turma em acordo com uma atividade que demande o uso de tecnologia, essa relação é muito válida.

Mas a tecnologia por si só não diferencia o processo, para isso necessita de um planejamento e objetivos a serem alcançados. Para os autores, a educação online e a tecnologia que ela demanda devem ser encaradas como um complemento muito importante, mas focado em determinadas situações e objetivos claros.

Numa tentativa de conceituação dessas metodologias, destaca-se que as chamadas metodologias ativas de aprendizagem são baseadas na autonomia e na capacidade de protagonismo do aluno.

No meio tecnológico em que vivem, os alunos precisam que os métodos de ensino e aprendizagem sejam centrados em suas necessidades, e as metodologias ativas podem ser uma importante ferramenta, pois auxiliam no desenvolvimento de competências pessoais e tradicionais que muitas vezes não se desenvolvem nas aulas mais tradicionais (CAMARGO, 2018).

Bacich e Moran (2018) destacam que as metodologias ativas com apoio de tecnologias digitais como caminho para a busca de professores e gestores por uma experiências vivas de aprendizagem com seus educandos, afim de motivá-los e encaminhá-los a experiências que os tornem mais criativos, empreendedores e protagonistas.

Ainda nesse quesito, julgou-se relevante destacar que a aprendizagem é única e percorre caminhos diferenciados pra cada pessoa, sendo que cada um

aprende aquilo que se apresenta como mais relevante, o que faz mais sentido. Sendo assim, os autores complementam que:

Metodologias ativas englobam uma concepção do processo de ensino e aprendizagem que considera a participação efetiva dos alunos na construção de sua aprendizagem, valorizando as diferentes formas pelas quais eles podem ser envolvidos nesse processo para que aprendam melhor, em seu próprio ritmo, tempo e estilo (BACICH; MORAN, 2018, n.p.).

Dessa forma, novamente Cortelazzo et al (2018) contribui citando a relação entre o nível de envolvimento dos estudantes nas aulas e atividades propostas e a saída do estado de passividade de uma aula tradicional, resultando em um ganho médio de 20 a 50% no desenvolvimento e desempenho destes estudantes.

Vale lembrar o que Farias (2014, p. 20) aponta acerca do uso de jogos no ensino de Geografia: A fim de encontrar novas formas de trazer o aluno para o centro do processo de ensino e aprendizagem, com práticas pedagógicas diferenciadas e contextualizadas, os jogos se mostram como importante ferramenta alternativa e significativa para o aluno. Dessa forma, pode-se entender os jogos como um estímulo interessante para auxiliar o aluno na compreensão dos conteúdos propostos, exigindo dele uma resposta imediata, o que prescinde desenvolvimento intelectual, estímulo da aprendizagem e superação de desafios, contribuindo de maneira exitosa com a aprendizagem e não apenas como entretenimento.

Sem dúvida jogos e atividades lúdicas são de grande relevância para o ensino de geografia, mas especialmente precisam ser parte de um planejamento prévio e estar em alinhamento com o conteúdo trabalhado, no momento adequado (como atividade de preparação ou como atividade de fixação), para que assim possam alcançar os objetivos de aprendizagem propostos.

Aos professores, segue o desafio de se qualificar para ocupar alguns dos papéis citados por Cortelazzo (2018) e Moran et al (2018) como o de facilitador, design de caminhos, organizador das melhores estratégias, motivador, promotor de interação entre os alunos, gestor e orientador de caminhos individuais ou coletivos e, nesse caso, presencialmente ou à distância.

Partindo desses princípios e esclarecimentos necessários, segue-se com a apresentação de algumas das atividades propostas aos alunos nos períodos remoto e híbrido ao longo da pandemia do Coronavírus, a partir de março de 2020 e também utilizadas no início do ano letivo de 2021, quando novamente foi necessário

o ensino remoto devido à segunda onda da pandemia, com agravamento dos casos na cidade de Manaus.

Ilustração

Bibiano (2010) cita que as ilustrações constituem uma linguagem visual que une informações em imagens e texto, podendo ser elaborada por meio de diversas técnicas e ferramentas. A autora ressalta ainda a diferença deste tipo de produção para a pintura de quadros e fotografias de paisagens, pois nesses casos, o uso de textos não é realizado.

Nesta proposta, utilizaram-se os textos e as imagens como forma de organização e síntese de um conteúdo estudado. Após ministrar o conteúdo de população asiática (aspectos culturais e religiosos), no capítulo Dinâmica Populacional e redes urbanas para o 2º ano do ensino médio, propusemos a organização de uma ilustração que reunisse aspectos importantes e uma imagem representando a religião escolhida pelos alunos.

Figura 9: Ilustrações no caderno, criadas pelos alunos do 2º ano EM (Religiões asiáticas)



Fonte: Alunos do 2º ano A EM (disponíveis no portal educacional).

No ensino remoto, a atividade foi solicitada no caderno ou no computador e enviada para o portal para a correção e no ensino híbrido, temos ilustrações feitas no caderno pelos alunos que estavam em sala de aula e feitas em Power Point com

imagens prontas, pelos alunos que estavam em casa e tinham o suporte tecnológico à sua disposição.

Figura 10: Ilustrações digitais, criadas pelos alunos do 2º ano EM (Religiões asiáticas)

Budismo

- Deus: existem vários deuses, porém habitam em mundo celestiais de grande felicidade e não são eternos nessa forma
- Seguidores: budistas
- Religião: não teísta
- Profeta: Buda foi o nome dado a ele: Siddhartha Gautama
- Livro sagrado: Tripitaká



HINDUÍSMO

- É a mais antiga dentre as grandes religiões do mundo
- Mais de 800 milhões de pessoas praticam o hinduísmo em todo o mundo
- Os hinduístas respeitam os Vedas
- Os hinduístas acreditam em um poder espiritual chamado brâman
- Eles cultuam uma imagem do deus e oferecem-lhe alimento, água e outras coisas.



JUDAÍSMO

- O judaísmo é a primeira religião monoteísta da história da humanidade, com cerca de 3 mil anos de existência
- A religião judaica é de caráter familiar.
- A autoridade religiosa recai sobre os textos sagrados, dos quais o "Torá" é o mais importante

O judaísmo não é uma religião homogênea; a grosso modo, podemos dividi-lo em:

Ortodoxos: que consideram o Torá como fonte imutável do saber divino, mas não seguem as leis rigidamente.

Ultra-ortodoxos: que possuem tradições que seguem estritamente as leis sagradas.

Conservadores: que têm atitudes e interpretações moderadas e de caráter reformista

- O maior pecado no judaísmo é a idolatria.



Hinduismo

- A trajetória que a alma terá é traçada de acordo com as ações praticadas aqui na Terra (lei do Karma).
- A libertação final da alma (moksha) determina o fim do ciclo da morte e do renascimento.
- Os rituais hindus devem ser feitos sempre tendo a meditação (dharshan) e a oferenda aos deuses (puja).
- A alimentação deve ser vegetariana, pois considera-se a utilização da carne na alimentação como uma prática impura;
- As preces cantadas (mantras) devem ser dedicadas a todos os deuses;
- O Om (ॐ) é o mantra mais importante, pois representa Deus;
- Shiva representa o princípio masculino enquanto o princípio feminino é representado por suas esposas Parvati (amor), Durga (deusa da beleza), Kali (senhora da destruição) e Lakshmi (senhora de arte e da criatividade).



Fonte: Alunos do 2º ano A EM (disponíveis no portal educacional).

Produção de planetas e Sistema Solar

Em busca de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem e colocar o aluno como protagonista do seu conhecimento, propusemos a construção de um planeta ou do Sistema Solar, à escolha do aluno, para promover o desenvolvimento da habilidade EF06GE03 da BNCC para o ensino de Geografia no 6º ano, a saber, a habilidade de "Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos" (BRASIL, 2018, p. 385).

Este conteúdo sobre os planetas e suas características foi trabalhado com os alunos a partir do material didático em seu capítulo intitulado Astronomia - o planeta Terra no Sistema Solar.

Figura 11: Planetas ou Sistema Solar produzidos pelos alunos do 6º ano



Fonte: Alunos do 6º ano B (disponíveis no portal educacional).

Além da produção individual do planeta escolhido ou do sistema solar, os alunos se prepararam para uma breve apresentação comentando o motivo de terem escolhido o planeta, algumas de suas características e também os materiais utilizados e algum possível desafio em cumprir com a atividade, que foi extremamente proveitosa trazendo resultados satisfatórios.

Alunos em sistema remoto por motivos de saúde, como alguns alunos com necessidades especiais de aprendizagem, realizaram esta atividade em casa e a apresentação foi por vídeo.

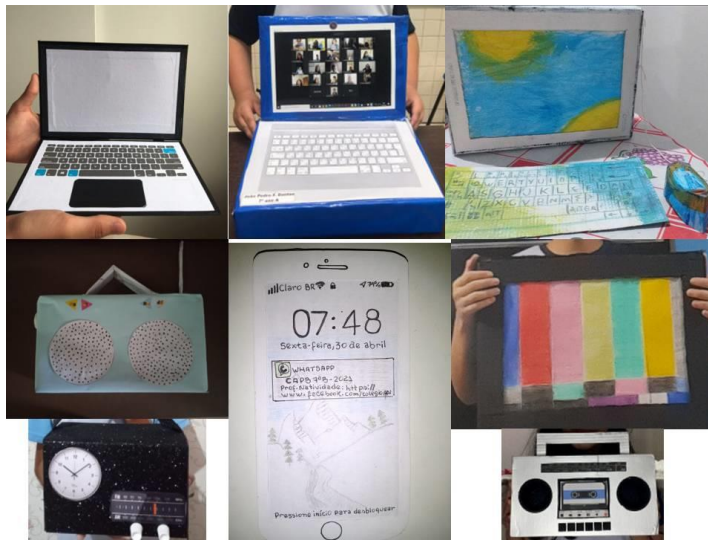
Produção de meios de comunicação

A proposta para os alunos do 7º ano do ensino fundamental foi a produção de um meio de comunicação à escolha do aluno, com materiais alternativos que eles tivessem em casa, usando sua criatividade e pesquisando sobre as características do meio de comunicação escolhido pelo aluno, a fim de realizar sua apresentação para a professora e os colegas de turma, em período de ensino híbrido.

Destaca-se que a atividade foi realizada em conformidade com o livro didático, no capítulo A comunicação na construção do espaço brasileiro, além de atender ao desenvolvimento das habilidades EF07GE01 e EF07GE07 da BNCC, que dizem respectivamente "Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de

comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil" e "Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território brasileiro" (BRASIL, 2018, p. 386).

Figura 12: Meios de comunicação pelos alunos do 7º ano



Fonte: Alunos do 7º ano A e B (disponíveis no portal educacional).

Produção de objetos com material reciclado

Os alunos do 9º ano do ensino fundamental foram desafiados a construir diversos objetos com material reciclado ou com o reaproveitamento de materiais que eles possuíam em casa e que provavelmente, iriam para o lixo.

Utilizou-se como base o capítulo do livro didático intitulado Problemas ambientais em debate, atendendo ao desenvolvimento das habilidades (EF09GE02) "Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade" e (EF09GE10) "Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania" (BRASIL, 2018, p. 393).

Além dessa contextualização acerca do consumo e da globalização, os alunos pesquisaram sobre o material utilizado na construção o seu objeto, funcionalidade, tempo de decomposição na natureza entre outros elementos para

realizar a apresentação do que prepararam, compreendendo e replicando essa necessidade de preservação e valorização ambiental.

Figura 13: Objetos produzidos pelos alunos do 9º ano (Sustentabilidade)



Fonte: Alunos do 9º ano A e B (disponíveis no portal educacional).

Com essa atividade, atende-se à competência 7 da BNCC, que é de "Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários" (BRASIL, 2018, p. 366).

Painel interativo (padlet.com)

O padlet.com é uma ferramenta colaborativa para organização de projetos de trabalho e estudos, que pode ser utilizada no computador e possui a versão de aplicativo para smartphone.

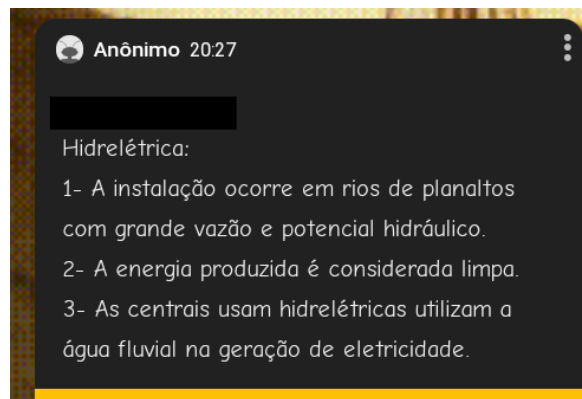
O recurso possui diversos modelos de quadros para criar cronogramas, que podem ser compartilhados com outros usuários e que facilita visualizar as tarefas em equipes de trabalho ou por instituições de ensino. A plataforma permite criar quadros com formatos diferentes e que podem ser alterados a qualquer momento. É possível utilizar modelos de mural, tela, lista, grade, conversa, mapa e linha do tempo (DOMS, 2020).

Entre os pontos positivos destaca-se a organização, criatividade e variedade das atividades, além da possibilidade de compartilhamento das mesmas com os

alunos por meio de links em várias plataformas. Como pontos negativos, cita-se as limitações do serviço gratuito e baixa possibilidade de armazenamento.

Por valores muito interessantes em relação ao custo-benefício, a quantidade de atividades e armazenamento se torna ilimitada e existe a possibilidade de testá-lo por 30 dias de maneira gratuita.

Figura 14: Print da participação da aluna em construção de painel interativo on-line



Fonte: Aluna T. C., do 9º ano A (disponível no portal educacional).

Esse padlet ou painel interativo utilizado como exemplo encontra-se completo, com a contribuição dos alunos das turmas de 9º ano A e B no link <https://padlet.com/profwilcilenecorrea/kv49sjxnakgehfyf>. E um outro modelo e formato, produzido com a participação dos alunos da turma do ensino médio 3º ano A, também se encontra disponível no link <https://padlet.com/profwilcilenecorrea/cs393he6oaxvizkq>.

Caça-palavras on-line (worldwall.net/pt)

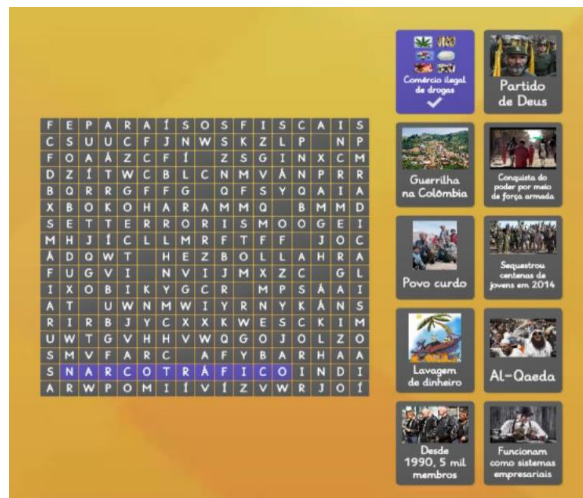
No caso dessa plataforma, a atividade escolhida foi um caça-palavras para compartilhar como atividade colaborativa com os alunos do 8º ano do ensino fundamental, dada sua característica lúdica e criativa. De acordo com Nascimento et al (2012), essa atividade é recente, tendo menos de 50 anos e tendo surgido após outras atividades lúdicas, como a cruzadinha.

Vale lembrar que "O caça palavras é um passatempo que consiste de letras arranjadas aparentemente aleatórias em uma grade quadrada ou retangular com o

objetivo de encontrar e circundar as palavras escondidas na grade" (NASCIMENTO ET AL, 2012, s/p).

Da mesma forma que o padlet apresentado anteriormente, o worldwall é uma plataforma colaborativa onde o professor pode criar uma gama de atividades imprimíveis ou atividades on-line a serem enviadas aos alunos por links de fácil acesso e visam a construção ou colaboração sobre um determinado conteúdo trabalhado em sala de aula ou por aulas à distância.

Figura 15: Caça-palavras on-line respondido pelos alunos do 8º ano.



Fonte: Aluna D. H., do 8º ano B (disponível no portal educacional).

A plataforma possui também um plano gratuito, que permite a elaboração de até 5 recursos dentre todos os disponíveis. Nos planos pagos, oferece pacotes individuais ou planos de grupo institucionais.

Uma das maiores vantagens que podem ser destacadas nesta ferramenta é sem dúvida, sua facilidade e rapidez de uso, favorecendo a criação ou edição de atividades colaborativas e interessantes em poucos minutos e do próprio aparelho celular, ou seja, não necessariamente demanda o uso de computador pois todas as funções podem ser acessadas de modo super prático pelo celular.

Ele permite por exemplo a inserção de imagens nas dicas do caça-palavras, facilitando a relação visual dos alunos entre as imagens e os conteúdos explorados. O caça-palavras utilizado como exemplo neste item (figura 13) ainda está disponível e pode ser respondido acessando o link <https://wordwall.net/play/13735/446/218>.

Perguntas interativas on-line (mentimeter.com)

Essa terceira plataforma colaborativa apresentada é também muito interessante e de fácil utilização, tanto pelo professor na criação das atividades a serem propostas quanto pelos alunos, para a colaboração com sua participação ao longo da aula.

Garret (2020) destaca que:

Mentimeter é um serviço que permite a criação e o compartilhamento de apresentações via Internet. Muito mais do que um “PowerPoint online”, a plataforma agrega funcionalidades extras, como criação de quiz, suporte a perguntas e respostas, compartilhamento de versões PDF das apresentações, importação de arquivos do PowerPoint e do Google Docs e mais.

A plataforma tem planos gratuitos e pagos, que permitem a elaboração de apresentações simples ou complexas mas todas bastante interessantes e colaborativas, que podem ser compartilhadas por links através de um código que deve ser enviado ao público, para que tenha acesso e responda ao que se pede.

O menti.com apresenta uma variedade interessante de possibilidades como a nuvem de palavras e as enquetes, modalidades que foram utilizadas por nossos alunos.

Vale ressaltar que no plano gratuito não há limitação para a quantidade de pessoas que podem assistir e acessas às apresentações e nem limite de apresentações que podem ser elaboradas.

Aponta-se como vantagens a rapidez na elaboração das atividades, com essa plataforma que é bastante prática e muito didática, facilitando o dia-a-dia do professor e favorecendo uma dinamização das aulas com a participação dos alunos, sem que para tanto, o professor precise perder horas e horas elaborando uma atividade colaborativa.

As perguntas foram lançadas ao longo da aula e o link disponibilizado, de modo que os alunos o acessaram ainda durante a aula síncrona, e conforme respondiam às questões propostas, as respostas iam automaticamente compondo os gráficos (conforme figura 17, a seguir) ou formando a nuvem de palavras (conforme figura 18, a seguir).

Figura 16: Gráfico on-line construído a partir da interação dos alunos do 8º ano.

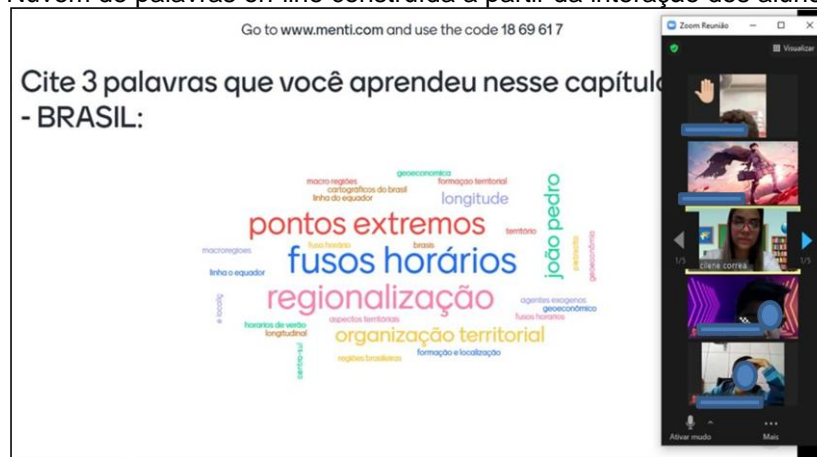


Fonte: A autora, 2020.

No caso da atividade de respostas objetivas, o resultado é a elaboração de gráficos que vão sendo construídos enquanto as respostas dos alunos estão sendo enviadas à plataforma. E enquanto isso, propõe-se conversa informal, destacando as melhores possibilidades, questões, dúvidas e os acertos.

Para a formação da nuvem de palavras, a atividade consiste na participação dos alunos com o envio de 3 palavras (ou à escolha do professor organizador) que em sua opinião, foram mais relevantes sobre o conteúdo trabalhado.

Figura 17: Nuvem de palavras on-line construída a partir da interação dos alunos do 7º ano.



Fonte: A autora, 2020.

Assim, quanto mais uma mesma palavra for citada pelos alunos, maior ela ficará posicionada no centro da nuvem de palavras. Podem ocorrer confusões ou erros, como ocorreu no caso abaixo, onde o aluno colocou seu nome ao invés de uma palavra do conteúdo.

As nuvens de palavras permitem realizar uma síntese do conteúdo trabalhado em sala de aula com os alunos, a fim de avaliar se os mesmos conseguiram apreender os conceitos mais importantes ao longo das aulas.

Blog geográfico

Esta proposta de elaboração de blogs geográficos foi realizada com os alunos do ensino médio, como trabalho bimestral. A estrutura da atividade tem como objetivo o desenvolvimento da habilidade de dialogar com o outro e com as novas tecnologias, como enfatiza a BNCC de Ciências Humanas.

Considerando que as novas tecnologias exercem influência, às vezes negativa, outras vezes positiva, no conjunto das relações sociais, é necessário assegurar aos estudantes a análise e o uso consciente e crítico dessas tecnologias, observando seus objetivos circunstanciais e suas finalidades a médio e longo prazos, explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo contemporâneo (BRASIL, 2018, p. 562).

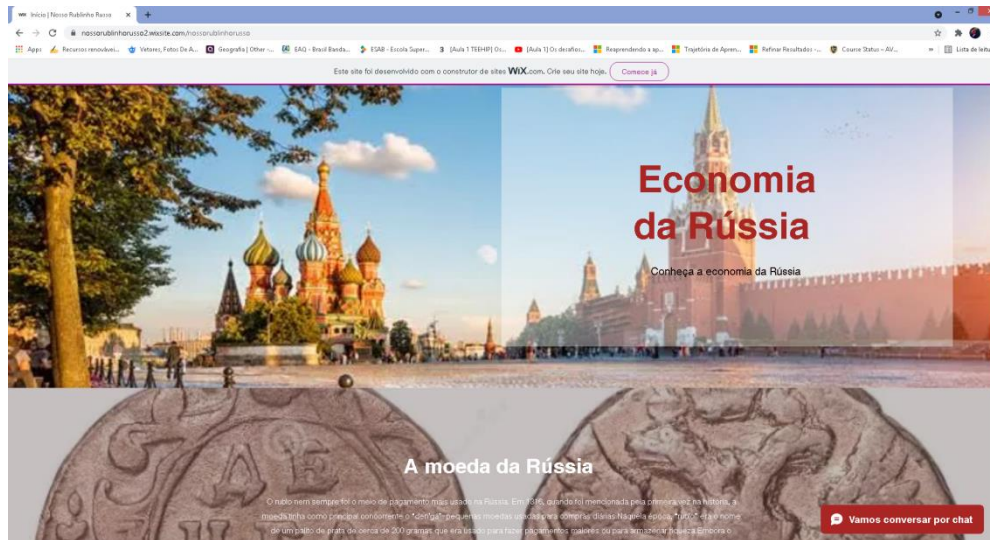
Pode-se imaginar que, pela maioria dos adolescentes terem contato e fazerem uso de tecnologias, eles ficam muito animados com uma proposta de trabalho como essa, mas infelizmente não é bem assim. Encontra-se ao longo do percurso, alunos que não sabem fazer uso dessa tecnologia, não possuem internet em casa, não possuem acesso ou mesmo com acesso, não possuem autonomia na utilização de um equipamento eletrônico para a realização do trabalho, entre tantas outras situações.

A primeira vez que essa proposta foi lançada aos alunos, há mais ou menos dez anos, a resistência foi muito maior, tanto dos próprios alunos quanto de alguns responsáveis. Mas agora foi um trabalho muito bem recebido por todos e que teve quase 100% de entrega por parte das turmas de alunos do ensino médio.

A proposta da elaboração dos blogs ocorreu em grupos de até 5 integrantes e foi orientado que os alunos criassem grupos de WhatsApp para realizarem a organização e divisão de tarefas a serem realizadas para o cumprimento das etapas de trabalho.

As etapas a serem cumpridas no trabalho em formato de blog foram as seguintes: título criativo, 10 textos (autorais ou referenciados), 10 imagens (autorais ou referenciadas), uma entrevista ou enquete feita pela rede social Instagram (apresentada em forma de gráfico ou vídeo), 2 vídeos e 2 charges.

Figura 18: Tela inicial do blog dos alunos do 2º ano EM (Economia Continental - Rússia).



Disponível em: <https://nossorublinhorusso2.wixsite.com/nossorublinhorusso>

Cada aluno componente do grupo deveria ter participação ativa na construção do blog, seja na pesquisa ou na postagem das etapas a serem cumpridas para alcançar a nota máxima da atividade. Cada etapa possui um valor a ser alcançado e essas informações foram previamente comunicadas aos alunos para que soubessem a forma pela qual seu blogs seriam avaliados.

Ocorreu anteriormente dessa atividade ser realizada em momento de aula presencial (antes da pandemia), com a culminância da entrega dos trabalhos ocorrendo em sala de aula e as apresentações dos blogs por um ou dois integrantes de cada equipe, sendo o mesmo projetado em sala de aula para que todos pudessem apreciar os trabalhos dos colegas. Assim, ocorria um momento de partilha dos trabalhos e informações de cada trabalho.

Com o ensino remoto e a pouca familiaridade que possuíamos com o aplicativo de aula síncrona Zoom no início da pandemia, a entrega foi realizada apenas com o envio dos links de seus trabalhos por meio do grupo da turma para a correção.

Participação com comentários pelo chat do portal educacional

Geralmente, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem disponibilizam uma área de conversa, contribuição e colaboração dos participantes, que é o chat. O portal educacional do colégio também apresenta essa possibilidade, que pode ser

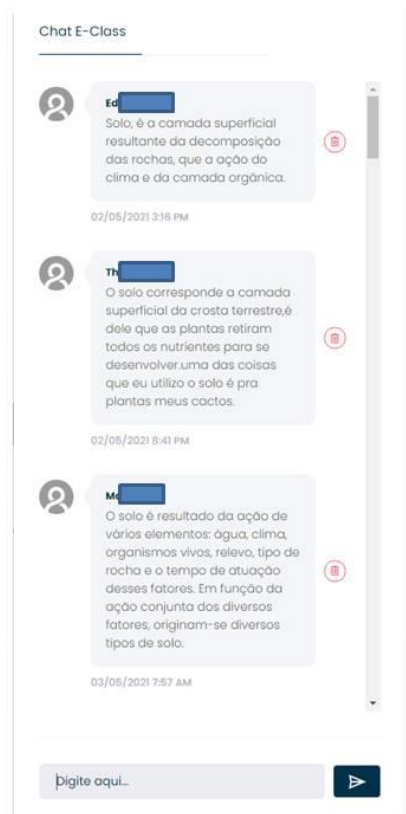
assinalada como metodologia da aula no momento de sua postagem ou posterior edição realizada pelo professor, se houver interesse no uso.

No ensino remoto, todas as ferramentas e possibilidades de contato com os alunos são válidas de serem exploradas por estarmos em diferentes espaços e essa barreira de algum modo, precisa ser vencida.

De acordo com Bezerra et al (2012), outro importante quesito é a comunicação entre os atores do processo de ensino e aprendizagem.

O processo educativo é essencialmente comunicativo, por ser realizado sempre por meio do ato comunicativo entre os docentes e os discentes. Por isso, tanto na educação presencial quanto na educação a distância [leia-se aqui ensino remoto], a comunicação é um problema pedagógico a ser resolvido (BEZERRA et al, 2012, p. 1).

Figura 19: Comentários no Chat do portal educacional (Solos)



Fonte: Alunos do 1º ano A (disponíveis no portal educacional).

Apesar de muitas vezes ser utilizado em momento síncrono, neste formato, a proposta foi assíncrona, para que os alunos enviassem um comentário para o chat sobre o conteúdo trabalhado por meio de uma videoaula, para que assim, pudessem deixar registrada sua participação e compreensão do conteúdo a partir daquela aula.

O conteúdo era solos, que faz parte do capítulo Geosfera: dinâmicas interna e externa.

Sobre a participação em momentos síncronos, na maior parte das aulas eles aconteciam por meio dos grupos de WhatsApp das turmas. Bezerra et al (2012) citam alguns problemas no uso de chats em ambientes virtuais síncronos: lapso temporal, dificuldade de se fazer compreender pela linguagem escrita e ainda, dificuldade de manter um debate sequencial por conta de questões de conexão de internet, por exemplo.

Aula assíncrona (videoaulas autorais)

Eis aqui o calcanhar de Aquiles de muitos professores, grupo no qual me incluo: a gravação de videoaulas autorais para disponibilizar aos alunos durante as aulas assíncronas. Isso porque, conforme destacou-se anteriormente, somos imigrantes e não nativos digitais, tentando nos adaptar a essa realidade mais tecnológica que a realidade atual nos exige.

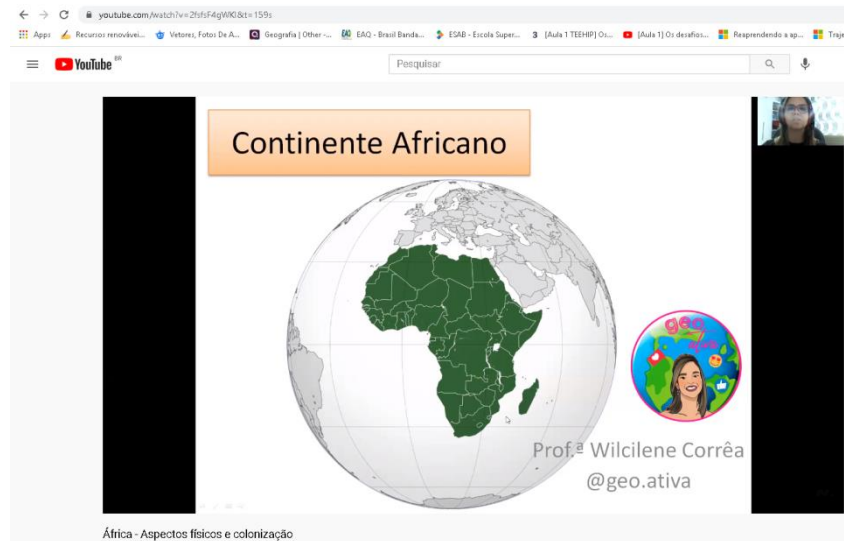
Bessa (2021) aponta alguns dos pontos positivos ou vantagens na utilização de videoaulas autorais, são elas: ninguém fica para trás, pois pode-se repetir quantas vezes for necessário e pausar a explicação em vídeo para fazer anotações; atende a todos, pois os alunos mais adiantados podem pular trechos ou aulas, não sendo obrigados a rever conteúdos; respeita-se o relógio biológico e a agenda de cada um.

Sobre este ponto, destaca-se que o aluno tem a autonomia de organizar seu horário de estudos e no local onde estiver mais ativo e disposto. Aos alunos que trabalham ou tem outros compromissos, a possibilidade de a aula estar disponível dá a tranquilidade necessária para que ele otimize seu dia.

E por fim, como vantagem em relação às videoaulas, Bessa aponta a possibilidade de propagação desse material que pode e deve ser utilizado por muitas outras pessoas que somente seus alunos, sendo a internet essa janela que amplia as possibilidades em relação aos diferentes espaços e tempos de estudo.

Outra possibilidade é a utilização durante um momento específico, como revisão para uma avaliação, onde esse material pode ser resgatado no tempo, horário e local mais vantajoso e eficaz para a aprendizagem do aluno.

Figura 20: Videoaula autoral, disponível no Youtube.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2fsfsF4gWkI&t=159s>

Em relação à vantagem entre um material disponível na internet e um material preparado pelo próprio professor para sua turma, destaca-se Cortelazzo et al (2018) que aponta o seguinte:

Estudos recentes mostram que a inversão da sala de aula quando realizada de maneira estruturada, utilizando diversos recursos multimídia e com **vídeos preparados pelo próprio professor** (grifo nosso), resulta em uma melhora no desempenho dos estudantes entre 20% e 50%, dependendo muito da área da disciplina, qualidade e criatividade do professor na elaboração das atividades, dos ambientes de aprendizagem disponibilizados para as atividades e do nível de ensino (COTELAZZO et al, 2018, p. 85).

Apesar de ser uma atividade trabalhosa para o professor, pois demanda preparo, tempo, uso de determinados equipamentos ou programas com os quais ele não pode não ter muita familiaridade, edição posterior à gravação do vídeo, uma boa conexão de internet entre outros pormenores, para a aprendizagem do aluno elas se apresentam como uma metodologia mais vantajosa e proveitosa.

Bessa (2021) finaliza afirmando que:

Quando bem aplicado, o uso das videoaulas tem grande potencial em aumentar o aprendizado dos seus alunos e desenvolver seu interesse pelo tópico ensinado de forma personalizada e com horário flexível. Lembre-se de que a videoaula, assim como qualquer metodologia que você use, deve estar alinhada com seus objetivos pedagógicos.

Portanto, mesmo sem um equipamento de grande qualidade, sem experiência com as câmeras, sem saber muito sobre iluminação, enquadramento e edição, vale a pena investir em videoaulas autorais sem se cobrar perfeição mas sempre buscando o aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Aula Síncrona e Seminário on-line via Zoom

Uma aula síncrona utilizando algum programa ou aplicativo de celular é outro grande desafio para os professores em tempos de ensino remoto, pois com a distância das salas de aula, eles se tornam os recursos de maior protagonismo permitindo a realização de aulas síncronas, trazendo mais personalidade e proximidade da turma entre si e com o seu professor.

Figura 21: Aula síncrona via Zoom, com os alunos do 6° ano B.



Fonte: A autora, 2020.

Essa era uma das aulas mais esperadas pelos alunos do ensino fundamental, isso porque entre os alunos do ensino médio, a maior parte deles não gostava de aparecer, deixando as câmeras desligadas durante a aula. No momento dos seminários que foram realizados via Zoom, um dos pedidos era a ligação das câmeras, porém alguns alunos justificavam com a conexão ruim de internet ou o fato de não estarem em casa no momento de sua apresentação, ou ainda estarem sem a farda do colégio.

De acordo com Dutra (2020) as aulas síncronas são aquelas que, no estudo remoto são realizadas em tempo real, permitindo a interação entre professor e aluno ao mesmo tempo e em espaço virtual, como salas de videoconferências e transmissões ao vivo.

Dentre as principais vantagens apresentadas no uso dessa metodologia, de acordo como autor supracitado estão o acompanhamento simultâneo, a maior

interação e o contato direto da turma entre e si e com seus professores. Como desvantagens, cita a falta de flexibilidade, pois todos devem evoluir juntos; a menor autonomia do aluno, sendo o ritmo é ditado pelo professor que conduz o grupo; e a dependência da internet, que pode afetar tanto alunos quanto professores, desestabilizando o processo.

Exemplificando as vantagens, destaca-se que:

Como a interação entre aluno e professor acontece ao mesmo tempo, as aulas síncronas fornecem mais clareza em relação ao ritmo de aprendizagem e dá informações sobre como o conteúdo pode ser planejado (...) ela alivia a sensação de isolamento que acompanha o ensino a distância, o que pode ter efeito benéfico no interesse dos alunos. Além disso, as aulas síncronas permitem a realização de atividades em grupo e colaborativas, o que dá ao professor mais opções de aplicação de metodologias de aprendizagem (DUTRA, 2020, s/p).

Sem dúvidas, os momentos das aulas síncronas eram um alívio para o isolamento social necessário no período da pandemia, permitindo também que além de "encontrar" os colegas, mesmo virtualmente, os alunos pudessem interagir, questionar e se inteirar de maneira mais clara e direta durante as aulas, coisa que em aulas assíncronas pode haver dificuldades de comunicação e compreensão de informações ou conteúdos.

Em relação a essa e às demais atividades propostas, mais uma vez destaca-se a necessidade de planejamento e organização, mostrando aos alunos total clareza quanto aos critérios de avaliação como etapas, objetivos, tempo de apresentação (se for o caso), qualidade do conteúdo apresentado, exemplos ou curiosidades.

E, em geral, as atividades avaliativas propostas nesse período foram extremamente proveitosas, onde os alunos participaram, aprenderam, compartilharam conhecimentos e ainda puderam prestigiar os trabalhos dos colegas e interagir com eles naquelas atividades que demandaram apresentações (em tempo real ou ainda por aplicativo de reuniões).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, cujo objetivo geral foi o de Relatar os desafios e possibilidades para o ensino de geografia nas modalidades remota e híbrida nos níveis fundamental e médio de uma unidade privada em Manaus, no contexto da pandemia do Coronavírus em 2020, muitas questões nos foram despertadas.

A primeira delas que se faz importante retomar é o que motivou a pesquisa: a brusca mas necessária mudança do ensino presencial para o ensino remoto. Nova realidade que trouxe consigo inseguranças, incertezas e a necessidade de reaprender e buscar novas formas de ensinar, proporcionando aprendizagem e construção de conhecimento aos nossos alunos.

Essa situação, sem dúvida, fez com que se avançasse muito em pouco tempo, já que o uso de tecnologias no ensino é uma questão recorrente inclusive nas pesquisas, mas que na prática, ainda levaria bons anos para se efetivar como ocorreu a partir do ensino remoto. Por um lado isso é algo extremamente válido, pois desafiou e elevou os profissionais a outro nível de crescimento pessoal e profissional em pouco tempo, mas por outro, não se pode deixar de destacar que isso demandou muito esforço de toda ordem.

Outra questão é a do impacto que essa mudança trouxe para a antiga e enraizada visão do professor enquanto único detentor do conhecimento: algo que vem sendo debatido e passava por transformações, porém nunca antes desde tão cedo, os alunos precisaram aprender na prática que é importante a ter autonomia e responsabilidade para com sua vida escolar.

A pandemia veio para, nesse sentido, quebrar paradigmas: o aluno pode e deve ter o controle sobre seu conhecimento, ter maior independência, mas isso é ainda um desafio a ser vivenciado cotidianamente até fazer parte da nossa cultura educacional. E quanto aos professores, outro paradigma: colocar o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, o que parece óbvio mas pode não ocorrer, quando muitas vezes a preocupação com sua forma de ensinar, os conteúdos a cumprir ou as provas a realizar tomam esse lugar. Mais uma vez a cultura educacional centrada em cumprir os currículos e levar os alunos a terem boas notas se sobrepõe a uma aprendizagem de fato significativa. Mais uma mudança que se faz necessária em nossa cultura educacional.

A fim de contextualizar a realidade educacional a partir da pandemia do Coronavírus, destacou-se alguns importantes conceitos no referencial teórico acerca da tecnologia, que permeia toda a nossa vida em sociedade, chegando à educação e também ao ensino de geografia, trazendo a importância dessa tecnologia como recurso, como meio e não fim do processo de ensino e aprendizagem.

Essa é apenas uma das revoluções tecnológicas da nossa história, no entanto, se destaca pela velocidade da informação e do desenvolvimento de novas tecnologias em cada vez menos tempo entre cada descoberta, e foi justamente essa realidade que nos permitiu vivenciar o ensino remoto. Nossos alunos compõem a chamada geração Z ou os nativos digitais, que tem facilidade em aprender ouvindo música e tem domínio em multtelas, o que demanda um esforço cada vez maior por parte dos sistemas educacionais para promover sua participação e aprendizagem.

E para a geografia, uma ciência que no âmbito escolar ficou conhecida como decorativa e repetitiva com conteúdos desconexos da realidade do aluno, o desafio é que a tão sonhada renovação desde a década de 1970 seja uma realidade, mesmo diante de tantos desafios enfrentados por muitos alunos e professores.

Pode-se destacar por exemplo, o desafio da construção de uma educação geográfica, com a parceria entre alunos e professores, ao invés de um ensino de geografia e o desafio da universalização perversa dos meios tecnológicos, que gera desigualdades no acesso a equipamentos e internet de qualidade, desafios esses identificados ao longo da caminhada profissional e também nesta pesquisa.

Tivemos alunos que assistiram as aulas de outros estados, para onde viajaram com os pais para passar a quarentena e outros que isolaram-se para o interior do estado por necessidades de parentes idosos, ficando sem acesso à energia e internet. Houve alunos que não assistiram a nenhuma aula, enquanto seus pais pagavam as mensalidades escolares em dia enquanto outros por falta de condições básicas de sobrevivência, precisaram sair do colégio e usar esse recurso para o sustento familiar.

A pandemia do Coronavírus veio somente acentuar ainda mais esse e outros desafios, visto que a necessidade do distanciamento social foi benefício para uns e grandioso sacrifício para outros, escancarando sobremaneira as desigualdades sociais preexistentes.

Atendendo ao segundo objetivo específico deste trabalho, realizou-se a tabulação dos dados do questionário, que foi respondido por 290 alunos do ensino

fundamental e médio da rede privada de ensino, sobre questões que vão desde o seu empenho e interesse no acompanhamento das aulas, envio de atividades, uso de tecnologia, contato com os professores e até como entendem que foi sua aprendizagem durante esse período.

E se nos fosse possível traçar um perfil com as respostas dos alunos, a maioria deles: afirmou ter demonstrado interesse por seus estudos; recebeu em média mais orientações do colégio do que de seus pais; disse às vezes ter se dedicado a um momento diário de estudos; conseguiu fazer uso do portal educacional para a devolução das atividades; fez uso diário de um equipamento eletrônico com internet para o acompanhamento das aulas (com média de 80% em diversas turmas); conseguia acompanhar as aulas síncronas pela plataforma Zoom, porém muitos alunos apresentaram dificuldades com a conexão de internet.

Vale ressaltar que apesar de fazer parte do sistema privado, a escola conta com 20% do total de alunos bolsistas, que neste período apresentaram grandes dificuldades em se manter ativos nas aulas e atividades, devido a questões financeiras, acesso a equipamentos eletrônicos e conexão de internet, entre outras questões de ordem financeira.

Mesmo sendo algo difícil de mensurar, a média de alunos que afirmaram ter conseguido aprender algo novo mesmo no ensino remoto foi de 54,90% no ensino fundamental e 48,33% no ensino médio. Vivenciando um novo e atípico momento, de medos e incertezas, doença e morte que atingiu tantas famílias, pode-se considerar que este índice foi positivo, trazendo novas aprendizagens tanto de conteúdos escolares quanto de habilidades no uso de tecnologias, bem como de valores para a vida.

Apesar dos alunos citarem suas dificuldades, momentos em que não acompanharam as aulas devidamente ou o fizeram somente Às vezes, como diversas turmas assinalaram em sua autoavaliação, é possível mensurar que a maior parte deles conseguiu, mais cedo ou mais tarde, se adaptar ao processo de ensino remoto pois essa era uma necessidade momentânea onde a esperança de todos era tão logo poder voltar ao normal ou ao menos, a um nova situação de normalidade, como meses mais tarde se mostrou o ensino híbrido.

Foi possível perceber que os alunos mais dedicados e esforçados em sala de aula mantiveram o mesmo padrão no ensino remoto, salvo alguns poucos casos destes que apresentaram problemas psicológicos e acabaram ficando adoecidos ou

desestimulados pela situação enfrentada, somando-se a isso fatores de ordem familiar (desemprego, diminuição da renda ou do padrão familiar e perdas de parentes por conta da pandemia do Coronavírus).

Dessa mesma forma, os alunos que tinham dificuldades acadêmicas e de aprendizagem anteriores, infelizmente sentiram o impacto da mudança de rotina e de formato do ensino. No ensino presencial acaba sendo mais fácil extrair algo desse processo de construção do conhecimento, fazendo com que o aluno responda de alguma forma aos estímulos, e por isso mesmo, foi imprescindível retornar ao ensino híbrido para que nesse contato, mesmo que em semanas alternadas, fosse possível ter o aluno ao nosso alcance produzindo, aprendendo e tirando suas dúvidas.

Houve casos de alunos que não participaram, não produziram nada, simplesmente se abstiveram do ensino remoto pelas mais diversas questões citadas, retornando somente quando houve o período híbrido. E inclusive a evasão foi mínima em relação ao total de alunos matriculados (apenas 16 alunos), o que em geral, ocorreu por dificuldades financeiras dos responsáveis para manter as mensalidades em dia diante da crise gerada pela pandemia (mesmo com desconto concedido pela instituição).

Aos alunos que apresentaram dificuldades com o uso dos recursos do portal e acesso à internet, foram oportunizadas novas datas de entrega de atividades, trabalhos e avaliações e um acompanhamento mais próximo por parte da coordenação pelo WhatsApp ou presencialmente no retorno às aulas híbridas, com apoio e comprometimento também dos responsáveis.

Houve turmas em que o acesso síncrono era maior e outras onde o assíncrono prevaleceu, mas podemos afirmar que assim como houve alunos que não acessavam as aulas por falta de uma conexão de internet que suportasse a atividade, muitos alunos infelizmente não acessavam as aulas por desinteresse, cansaço desse novo processo, por não quererem ligar as câmeras ou ainda para não participarem das questões propostas durante as aulas síncronas.

O último item do questionário foi em relação aos sentimentos dos alunos quanto à realidade vivida, que mexeu muito com o emocional deles por diversas questões. Pode-se admitir a partir de seus relatos, que entre os participantes desta pesquisa formou-se um grupo de alunos que conseguiu se concentrar, ter paz e equilíbrio, ser direcionados e incentivados para dar conta de seus estudos em

ensino remoto. Enquanto isso, formou-se também outro grupo dos alunos que não conseguiu acompanhar de modo satisfatório, por fatores diversos como os citados (falta de equipamento eletrônico, internet, acompanhamento e organização ou até mesmo, questões de saúde por estarmos atravessando uma pandemia).

Descrever as tentativas e possibilidades para o ensino de geografia no sistema privado no contexto da pandemia, nas modalidades de ensino remoto e híbrido foi o último item do trabalho. Nele apresentou-se algumas das atividades propostas tanto no período remoto quanto no período híbrido, destacando-se como foi em parte, o caminhar geográfico em meio à tecnologia durante esse período.

A partir disto, pôde-se entender que o ensino (em geral e, se estendendo ao ensino de geografia) por ocasião da pandemia sofreu transformações em larga escala, fortalecendo o uso da tecnologia de um lado e de outro, compreendendo que estes recursos tecnológicos precisam ser vistos como meio e não como fim do processo de ensino aprendizagem. Mas de qualquer forma, se tornaram imprescindíveis e insubstituíveis, permitindo a comunicação e compartilhamento de conteúdo, aproximação mesmo que virtual nesse momento de pandemia.

Portanto, ao professor se faz necessário o constante apoio do sistema educacional ao qual está ligado, tanto do ponto de vista da educação continuada para complementar sua formação, quanto nas condições de trabalho por meio do uso das tecnologias (computadores, equipamentos de projeção, câmeras e acesso à internet de qualidade).

Outro aspecto concluído é que diante dessa realidade, assim como em aulas presenciais, a resposta dos alunos aos estímulos apresentados e atividades propostas é diferenciada, mas nesse formato remoto e híbrido, o aspecto tecnológico pode apresentar entraves extras. E apesar das transformações do período, o apoio e aparato familiar fizeram muita diferença para que o ensino remoto fosse efetivo e tivesse gerado aprendizado de novos conteúdos aos alunos.

Ainda assim, houve uma dificuldade expressiva que foi de ordem financeira, pois com a pandemia muitas famílias passaram a ter ou pioraram as dificuldades financeiras com as quais precisavam lidar anteriormente. Dessa forma, os alunos precisaram se adequar de acordo com suas condições, que nem sempre atendiam ao ideal proposto pelos professores. Foi necessário ao colégio e aos professores ter clareza do momento atípico vivenciado e apresentar propostas alternativas diante da realidade dos alunos, desde as atividades manuais adaptando materiais e recursos,

até aquelas em que se pretendia o uso da tecnologia, algumas vezes inacessível a todos.

As transformações vivenciadas nesse período foram sem precedentes, tanto para o sistema educacional quanto para os atores principais desse processo. No entanto, os aspectos emocionais citados também foram determinantes no desempenho tanto dos professores quanto especialmente dos alunos.

Dessa forma, acredita-se ter alcançado os objetivos deste trabalho, trazendo à tona um relato detalhado sobre o ensino durante a pandemia e as questões que o envolvem sem no entanto, ter a pretensão de encerrar o tema por toda a sua complexidade. Pelo contrário, identificou-se outras vertentes que podem vir a ser exploradas em pesquisas futuras, como a visão dos professores sobre o trabalho no período pandêmico e ainda, os recursos tecnológicos como softwares e aplicativos educacionais voltados ao enriquecimento do ensino de geografia.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BEHAR, Patricia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Julho, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>>. Acesso em 10 abr 2020.

BESSA, Eduardo. **Videoaulas: uma versão online das aulas expositivas? Indicações de uso e como gravar uma videoaula**. 2021. Disponível em: <https://www.riu.cead.unb.br/orientacoes/2-publicacoes/88-gravar-videoaulas>. Acesso em 15 jun 2021.

BEZERRA, Lebiam Tamar Silva; SILVA, Maria José Moreira da; DANTAS, Rebecca Queiroz Bichara. Chats educacionais e mediação pedagógica no ensino superior a distância. **Anais eletrônicos d 4º Simpósio Hipertexto e tecnologias na educação - Comunidades e aprendizagem em rede**. Disponível em pdf: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012>. Acesso em 17 jun 2021.

BIBIANO, Bianca. **Produção de ilustrações**. 2010. Disponível em URL: <https://novaescola.org.br/conteudo/1055/producao-de-ilustracoes>. Acesso em 15 jun 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, 2020.

CALÇADE, Paula. **Como usar mapas mentais para melhorar aprendizagem na escola**. 17 de Junho 2019. Disponível em URL: <https://novaescola.org.br/conteudo/17882/como-usar-mapas-mentais-para-melhorar-aprendizagem-na-escola>. Acesso em 15 jun 2021.

CAMARGO, Fausto. Por que usar metodologias ativas de aprendizagem? In: CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie (orgs.). **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. Col. Ideias em Ação.

COELHO, Patrícia M. F. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. **Terra Livre**, Ano: 2012 – Volume: 5 – Número: 2. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres>>. 2012. Acesso em 15 mar 2019.

CORTELAZZO, Angelo Luiz. [et al]. **Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem: para refinar seu cardápio metodológico**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

DANTAS, T. C. SANTOS, M. F. P. SILVA, A. P. L. O desenho como recurso didático no ensino de geografia. **Revista Contexto Geográfico**. Maceió-al v. 1. N.2 Dezembro/2016 (p. 52 – 61).

DOMS, Caroline. **O que é Padlet? Veja como usar ferramenta para criar quadro virtual.** 2020. Disponível em URL: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2020/07/o-que-e-padlet-veja-como-usar-ferramenta-para-criar-quadro-virtual.ghtml>. Acesso em 15 jun 2021.

DUTRA, Rodrigo. **Por que usar aulas síncronas e assíncronas na educação?** 2020. Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/o-que-sao-aulas-sincronas-e-assincronas/>. Acesso em 15 jun 2021.

FARIAS, Francisca F. G. de. **O uso do lúdico como recurso didático no ensino de geografia no ensino médio.** Monografia (licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande: Cajazeiras, 2014. Disponível em URL: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/5871>. Acesso em 16 jul 2021.

FAVA, R. Educação para o século 21: a era do indivíduo digital. São Paulo: Saraiva, 2016.

FIGUEIREDO, Valéria Silveira; MEDEIROS, Rose Marie. **Manual de Trabalhos Escolares: aprender a fazer.** 2012. Disponível para download (pdf): <https://colegiolicuaju.com.br>. Acesso em 15 jun 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GABRIEL, Martha. **Educ@r – A (r)evolução digital na Educação.** 1º ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

GARRET, Filipe. **O que é Mentimeter? Veja como funciona e como criar apresentações.** 2020. Disponível em URL: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/09/o-que-e-mentimeter-veja-como-funciona-e-como-criar-apresentacoes.ghtml>. Acesso em 15 jun 2021.

GONÇALVES, Dailde Silva; PINHO, Katia Elisa Prus. A história em quadrinhos: metodologia para o ensino do conteúdo vírus com auxílio da ferramenta impress. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.** Disponível em URL: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_bio_artigo_dailde_silva_goncalves.pdf. Acesso em 15 jun 2021.

GRABICOSKI, Margareth Krevey. A charge na sala de aula. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.** Disponível em URL: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_port_pdp_margareth_krevey_grabicoski.pdf. Acesso em 15 jun 2021.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003.

KNUTH, Liliane Redu. **Possibilidades no ensino de Geografia: o uso de tecnologias educacionais digitais.** 2016. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas – RS, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3604214>. Acesso em: 02 fev. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURENÇO, Ana. **4 passos para fazer um bom resumo.** 2020. Disponível em URL: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/dicas-estudo/4-passos-para-fazer-um-bom-resumo/>. Acesso em 15 jun 2021.

MACHADO, Flávia C. LIMA, Maria de Fátima W. P. O Uso da Tecnologia Educacional: Um Fazer Pedagógico no Cotidiano Escolar. **Scientia Cum Industria**, V. 5, N. 2, pp. 44 — 50, 2017.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIRANDA, Simão de. **Estratégias didáticas para aulas criativas.** Campinas, SP: Papyrus, 2016.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed: 2000.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon, **MCB University Press**, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 07 mar 2019.

SANTOS, Adriana. Tecnologias de informação e comunicação: limites e possibilidades no ensino superior. **Anuário da Produção Acadêmica Docente.** Vol. 5, Nº. 12, Ano 2011.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Osmair Oliveira dos. **O uso da tecnologia como ferramenta pedagógica no ensino da Geografia.** 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de Rondônia, Rondônia. Disponível em:

<http://www.mestradogeografia.unir.br/downloads/3379_osmair_oliveira_2008.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002a. (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002b. (Coleção Milton Santos; 1)

SENNA, Célia M. P. C.; MORAIS, Sarah P. de; ROSA, Daniela Z.; FERNANDEZ, Amélia A. Metodologias ativas de aprendizagem: elaboração de roteiros de estudos em "salas sem paredes". In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

VLACH, Vânia Rúbia F. Fragmentos para uma discussão: método e conteúdo no ensino da Geografia de 1º e 2º graus. In: O ensino de da geografia em questão e outros temas. **Terra Livre – AGB**. São Paulo: Marco Zero, 1987.

ANEXOS

Anexo A

Questionário de autoavaliação aplicado aos alunos do ensino fundamental (4º ao 7º ano)



Autoavaliação (E. Fundamental | 4º ao 7º Ano)

Nome: _____ Ano/turma: _____

Querido(a) aluno(a),

As frases a seguir refletem sobre como foi o seu estudo diário durante as aulas não presenciais (remotas). Você deve marcar em cada item como você compreende que foi seu modo de estudar e os desafios enfrentados por você.

Marque com um X em uma das opções, indicadas pelas expressões: 😊 😐 😞

Nº	QUANDO OS ROTEIROS DE ESTUDOS FORAM ENVIADOS PARA MIM:	😊	😐	😞
		SIM	ÀS VEZES	NÃO
1	Demonstrei interesse pelos conteúdos.			
2	Fui organizado em acompanhar as atividades propostas.			
3	Recebi orientações dos meus pais e/ou responsáveis.			
4	Recebi orientações da minha escola.			
5	Dediquei um momento diário para realizar meus estudos.			
	QUANTO AO ENVIO DAS ATIVIDADES:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
6	Enviei pelo Portal CPBEducacional E-Class.			
7	Enviei pelo WhatsApp e E-mail.			
8	Utilizei diferentes fontes, além do livro didático, para auxiliar na resolução das atividades.			
9	Cumprí os prazos estabelecidos.			
	QUANTO AO USO DA TECNOLOGIA:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
10	Tive acesso à internet.			
11	Tenho um aparelho eletrônico disponível para mim (celular, computador, tablet, outros).			
12	Usava um aparelho eletrônico diariamente para acompanhar as aulas (celular, computador, tablet, outros).			
13	Utilizava os aparelhos eletrônicos apenas com a supervisão dos meus pais ou de algum responsável.			
14	Tenho acesso ao Portal CPBEducacional e fiz uso do E-Class.			
15	Tive dificuldade com o acesso ao Portal CPBEducacional.			
16	Fiz uso do WhatsApp e E-mail para acompanhar o Roteiro de Estudos.			
	QUANTO AO CONTATO COM OS PROFESSORES:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
17	Particpei das aulas via zoom.			
18	Assisti as vídeoaulas publicadas pelos professores.			
19	Tirei dúvidas com meus professores.			
	QUANTO AO MEU APRENDIZADO:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
20	Fui capaz de aprender coisas novas mesmo estudando em casa.			
21	Desenvolvi o hábito de ler sobre os conteúdos estudados.			
22	Desenvolvi novas habilidades utilizando o Portal CPBEducacional.			
23	Particpei das aulas e acompanhei o Roteiro de Estudos de forma adequada.			
24	Fui perseverante (não desisti, mesmo com algumas dificuldades)			

Anexo B

Questionário de autoavaliação aplicado aos alunos do ensino fundamental e médio (8º ano ao Ensino Médio)



Autoavaliação (E. Fundamental 8º ao 9º Ano | E. Médio)

Nome: _____ Ano/turma: _____

Querido(a) aluno(a),

As frases a seguir refletem sobre como foi o seu estudo diário durante as aulas não presenciais (remotas). Você deve marcar em cada item como você compreende que foi seu modo de estudar e os desafios enfrentados por você.

	QUANDO OS ROTEIROS DE ESTUDOS FORAM ENVIADOS PARA MIM:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
Nº				
1	Demonstrei interesse pelos conteúdos.			
2	Fui organizado em acompanhar as atividades propostas.			
3	Recebi orientações dos meus pais e/ou responsáveis.			
4	Recebi orientações da minha escola.			
5	Dediquei um momento diário para realizar meus estudos.			
	QUANTO AO ENVIO DAS ATIVIDADES:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
6	Enviei pelo Portal CPB Educacional E-Class.			
7	Enviei pelo WhatsApp e E-mail.			
8	Utilizei diferentes fontes, além do livro didático, para auxiliar na resolução das atividades.			
9	Cumprí os prazos estabelecidos.			
	QUANTO AO USO DA TECNOLOGIA:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
10	Tive acesso à internet.			
11	Tenho um aparelho eletrônico disponível para mim (celular, computador, tablet, outros).			
12	Usava um aparelho eletrônico diariamente para acompanhar as aulas (celular, computador, tablet, outros).			
13	Fiquei distraído ao acessar as redes sociais e outros aplicativos durante o tempo de estudo.			
14	Tenho acesso ao Portal CPB Educacional e fiz uso do E-Class.			
15	Tive dificuldade com o acesso ao Portal CPB Educacional.			
16	Fiz uso do WhatsApp e E-mail para acompanhar o Roteiro de Estudos.			
	QUANTO AO CONTATO COM OS PROFESSORES:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
17	Participei das aulas via zoom.			
18	Assisti as vídeoaulas publicadas pelos professores.			
19	Tirei dúvidas com meus professores.			
	QUANTO AO MEU APRENDIZADO:	SIM	ÀS VEZES	NÃO
20	Fui capaz de aprender novos conceitos mesmo estudando em casa.			
21	Desenvolvi o hábito de ler e pesquisar sobre os conteúdos estudados.			
22	Desenvolvi novas habilidades utilizando o Portal CPB Educacional.			
23	Participei das aulas e acompanhei o Roteiro de Estudos de forma adequada.			
24	Fui perseverante (não desisti, mesmo com algumas dificuldades)			